

**UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO**

**LUCIANA MELO NÓBREGA**

**JAZZ: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES**

BAURU  
2014

**LUCIANA MELO NÓBREGA**

***JAZZ: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Profa. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU  
2014

N754j Nóbrega, Luciana Melo.

Jazz: construção e reconstruções / Luciana Melo Nóbrega -- 2014. 52f.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Hab. Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Música. 2. Jazz. 3. Jornalismo. 4. Entretenimento. 5. Programa Especial. I. Bochembuzo, Daniela. II. Título.

**LUCIANA MELO NÓBREGA**

**JAZZ: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Profa. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo.

Banca examinadora:

---

Profa. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo  
Universidade Sagrado Coração

---

Profa. Ma. Érica Cristina de Souza Franzon  
Universidade Sagrado Coração

---

Profa. Ma. Deborah Cunha Teodoro  
Universidade Sagrado Coração

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, à minha família, “às tias” (nome dado à minha família bauruense), aos meus amigos, à música. E a todos os meus professores, que serviram de agulha para alguém que sonha em não ser mais um número na multidão.

“A música é uma ponte que liga o homem ao infinito...”

M. Bruce

“Todo mundo tem uma boa história para contar.”

Juliano Dip

## RESUMO

Este trabalho visa discorrer sobre o estilo musical *Jazz*, desde seu nascimento, com a escravidão, até a atualidade, ao se reconstruir, passando uma ideia geral do contexto sociopolítico e econômico do mundo na época de seu surgimento e demais fases, para o entendimento de cada período desse estilo de música. O percurso metodológico envolve pesquisa bibliográfica sobre os temas música, *Jazz* e rádio e pesquisa *in loco* para captação das entrevistas. O conteúdo ampara a produção de um programa especial radiofônico com o título “*Jazz* Construções e Reconstruções”. O produto é voltado aos interessados sobre *Jazz* e visa facilitar possível estudo futuro de outras pessoas afeitas ao assunto, desde a minuciosa escolha de sons para ilustrar e na escolha de cada palavra. Além de entreter o espectador, o programa em questão aborda o assunto de maneira simples, de forma a permitir a rápida compreensão sobre o que está sendo falado, promover a significação e gerar conhecimento sobre esse estilo musical.

**Palavras-chave:** Música. *Jazz*. Jornalismo. Entretenimento. Programa especial.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss the musical style *Jazz*, from its birth, to slavery, to the present to reconstruct, through an overview of the socio-political and economic context of the world at the time of its birth and other phases to understanding each period this style of music. The methodological approach involves a literature search on the topics, *Jazz* and radio spot and search to capture the interview. The content bolsters the production of a special radio program titled - *Jazz* Constructions and Reconstructions. The product is geared to those interested about *Jazz* and facilitating possible future study of other people accustomed to the subject, from the meticulous choice of sounds to illustrate and choice of each word. Besides entertaining the viewer that program approaches the subject in a simple way in which people come to understand what is being spoken. Thus automatically turning knowledge.

**Keywords:** Music. *Jazz*. Journalism. Entertainment. Special Program.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>O QUE É MÚSICA?</b> .....	10
2.1	O QUE É JAZZ? .....	11
<b>3</b>	<b>JAZZ AO LONGO DOS ANOS</b> .....	15
3.1	OS GRANDES NOMES DO JAZZ.....	19
<b>4</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b> .....	24
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	26
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	27
	<b>APÊNDICE A - DECUPAGENS</b> .....	28
	<b>APÊNDICE B – LAUDAS</b> .....	32
	<b>APÊNDICE C – CD PROGRAMA ESPECIAL</b> .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

A estudante de jornalismo autora deste programa especial, também musicista e amante da sonoridade orgânica em que o *Jazz* se encontra, sentiu a necessidade de pesquisar, aprender e entender sobre este estilo musical. Com base nessa premissa, o trabalho proposto tem a finalidade de também passar conhecimento aos interessados por *Jazz*. Apesar dos estilos explicados e ícones a serem retratados a seguir, a pesquisa não se finda após seu término, pois o *Jazz* tem infinitos ícones que vivem até hoje, um deles Bobby McFerrin<sup>1</sup>, pois a ideia é conseguir explicar todos os estilos até hoje, utilizando alguns de seus ícones para maior entendimento de cada período e tem também por objetivo fazer com que as pessoas que, antes não muito ligadas no *Jazz*, se interessem sobre o assunto depois de ouvir o programa. A partir dessa premissa, o trabalho aborda desde as origens do *Jazz*, com o Ragtime, em 1900, criado por Scott Joplin, até os primórdios desse estilo musical na cidade de New Orleans e sua difusão no mundo todo, chegando aos dias atuais. (BERENDT, 2009).

Portanto, o estilo musical *Jazz* é explicado como consequência da geografia política e da história da época. (MORAES, 2013).

O título “*Jazz* Construção e Reconstruções” foi escolhido porque o *Jazz* foi construído pelos afrodescendentes na época da guerra do norte e sul dos EUA e nunca mudou sua essência, o seu propósito, seguido até hoje com o *Jazzfusion* - ou *ElectricJazz*, que é esse *Jazz* misturado com sintetizadores, com elementos eletrônicos. Se antes o *Jazz* se construiu na base do sofrimento do negro na época da escravidão norte-americana, com as *worksongs* (canções de trabalho), e os *spiritual* (canções religiosas), passando pelos três períodos Ragtime, New Orleans e Dixieland, e se reconstruiu, hoje se reconstrói com vários outros elementos, com o *Jazzfusion* de Herbie Hancock<sup>2</sup> e Chick Corea<sup>3</sup>, e com o pop*Jazz* de Amy Winehouse e Adele. Apesar de reconstruções com elementos atuais, o gênero não perde sua essência, sua timbragem, sempre caracterizando o *Jazz* com as mesmas particularidades. (Kleber Gaudencio, professor de piano)<sup>4</sup>.

No Brasil, o que foi produzido com o tema *Jazz* na verdade são livros de estudiosos sobre o assunto, como professores de música, amantes desse estilo, e pessoas que vivenciaram a época áurea de perto, como o compositor Vinicius de Moraes. Diplomata e tendo assumindo

---

<sup>1</sup> Cantor estadunidense de *Jazz Bebop*.

<sup>2</sup> Pianista e compositor norte-americano de *Jazzfusion*.

<sup>3</sup> Pianista de *Jazz* nascido no país dos EUA/um dos criadores do *ElectricJazz*.

<sup>4</sup> Em entrevista a esta autora no dia 20 de maio de 2014.

o cargo de vice-cônsul em Los Angeles, Moraes ficou muito perto do ritmo *Jazz* na época, chegando a conhecer ícones como Duke Ellington e Ella Fitzgerald, entre outros. O compositor brasileiro adorava música e logo após voltar para o Brasil fez uma reconstrução do *Jazz* juntamente com o compositor Tom Jobim, dando origem à Bossa Nova ou Samba *Jazz*. Fazia reuniões com vários músicos no Rio de Janeiro, onde morava. O restante que se tem sobre *Jazz* no Brasil são documentários com legendas em português, mas ainda assim de origem norte-americana, e livros de teoria musical. Por isso foi redigida uma pesquisa de caráter exploratório baseando se em uma análise qualitativa, acerca da bibliografia e entrevistas captadas. (MORAES, 2013).

O rádio foi escolhido como suporte midiático para tal assunto, pois não há meio melhor de se falar em música através de ondas sonoras, além disso, hoje em dia, as pessoas confundem muito o sentido da audição com o da visão, muitas vezes esquecendo-se da propriedade da música em si, colocando o visual acima do som propriamente dito.

A pesquisa foi feita a partir dos livros *Jazz & Co.*, de Vinicius de Moraes; *Jazz Panorama*, de Jorge Guinle; *Jazz do Rag ao Rock*, de J.E.Berendt, teledocumentários norte-americanos, *Thelonious Monk Documentary* de Clint Eastwood, *What is Jazz music* de Killkenny Swing, *Evolution of Jazz Presentation of Hard Bop* de Brandon Brown, *Jazz documentary* de Wynton Marsalis; *Todos sobre Jazz*. O romance ficcional “*Todo aquele Jazz*”, “de Geoff Dyer”, e até mesmo o teledocumentário Vinicius de Miguel Faria Jr. sobre a vida de Vinicius de Moraes. Vivências próprias com praticantes reconhecidos deste estilo, como Pascoal Meirelles e Célia Vaz, graduados na maior universidade direcionada ao estilo *Jazz*, a “*Berklee School of Music*”, situada na cidade de Boston, EUA. E, dentre as referências bibliográficas de cunho jornalístico, foram utilizados: “*Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*”, de Robert Mcleish, e “*Gêneros Radiofônicos*”, de André Barbosa Filho. As pessoas que contribuíram com o trabalho foram desde músicos profissionais, pessoas do próprio país berço do *Jazz* - Estados Unidos, amantes do estilo, a pessoas que vivenciaram um pouco de momentos dos festivais de música *Jazzísticos* que ocorreram no Brasil em sua época áurea.

## 2 O QUE É MÚSICA?

Música nada mais é do que uma combinação dos elementos: ritmo, harmonia e melodia. O *ritmo* - também conhecido como pulso ou tempo - resume-se nas batidas da música, algo que se assemelha à frequência e pode ser medido através do metrônomo (um pêndulo como se fosse um tic-tac do relógio). *Melodia* é o som que se dá através dos instrumentos de sopro e na voz quando se canta, seguimento de uma nota apenas; e *harmonia* são os acordes formados por tríades (três notas) ou tétrades (quatro notas) no piano, violão ou com outro acompanhamento musical. A música em si tem todos esses três elementos, acompanhada também de silêncios. Deste conceito inicial elabora-se a definição de que a música nada mais é do que uma convenção de sons e silêncios, podendo estes aparecer de forma crescente ou decrescente.

A música é formada por uma nota de preparação, ou seja, prepara-se a nota para cair em uma nota de transição, que é a de tensão, e ao final termina-se “destencionando”, caindo numa nota de “relaxamento”. Desta forma, música resume-se em preparação de tensão e relaxamento, segundo explicação do professor de piano Kleber Gaudêncio<sup>5</sup>.

Segundo o dicionário Houaiss (2001, p.1985), “música é a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época e civilização; uma combinação harmoniosa e expressiva de sons”.

Esses sons podem ser diferentes quanto à altura, ao volume, timbre. *Altura* pode ser: grave, som produzido à baixa frequência; agudo, à frequência alta; e média, um som igualado. O *volume* é caracterizado quanto à sua medida em decibéis, que pode ser fraco ou forte - conhecido erroneamente como baixo ou alto. *Timbre* é a diferença entre os sons, o que os músicos chamam de brilho do som, o que o caracteriza para ser único. O timbre de um violino, por exemplo, é diferente do timbre de um violoncelo. Quando toca cada um destes, são identificados instrumentos diferentes de acordo com a diferenciação da “voz” do som.

Os contextos sociais e históricos<sup>6</sup>, bem como as mudanças deles decorrentes, permitiram ao homem desenvolver diversos gêneros musicais, entre eles o *Jazz*.

---

<sup>5</sup> Músico e professor de piano cursando pós-graduação na EMESP Tom Jobim- São Paulo, em entrevista a esta pesquisadora, concedida na data de 18 de março de 2014, em São Paulo.

<sup>6</sup> Escravidão, discriminação racial, entre outros envolvendo brigas por diferenças raciais.

## 2.1 O QUE É JAZZ?

Das definições teórica e etimológica deriva-se o gênero musical *Jazz*, que por sua vez pode assim ser definido:

É música moderna de origem negro-americana, muito difundida após a guerra de 1914-1918, caracterizada pelo improviso e pelas sonoridades e ritmos sincopados, basicamente extraídos do ragtime e do *blues* - em sua forma mais popular é uma expressão vocal ou tipo de dança. A primeira vez que o termo *jazz* “não” é usado como termo sexual (era aplicado a danças conguesas), foi em 1916 no Lamb’s Cale de Chicago. (HOUAISS, 2001, p.1678).

[...] *Jazz* é a inflorescência dos cantos religiosos negros, a que se chamam *spirituals* em cruzamento com o *blues*..., as canções de prisão e todo o demais folclore negro americano, graças a boa terra de New Orleans, onde se misturavam ritmos europeus e afro-americanos dançáveis. *Jazz* é a voz solitária ou polifônica da revolta, da sensualidade, do páthos dos negros e se prolonga através de instrumentos musicais desobedientes a tudo o que não seja espontaneidade, invenção, improvisação. (MORAES, 2013a, p. 97).

Esse novo estilo de música chamado *Jazz* começa a ser delineado entre 1890 e 1910. Não se sabe ao certo o porquê do nome, mas sua origem se dá através da chegada dos navios negreiros no sul dos EUA.

Os escravos, cansados de tanto trabalho árduo e de não poderem falar entre si, buscaram em suas raízes africanas o canto, a música. E assim utilizavam dela para se comunicarem, ou se expressarem vocalmente. E como forma de ritmo de trabalho e catarse, a cada machadada um urro - assim marcando o tempo das coisas, eram as chamadas *worksongs*. Logo vieram os outros gêneros, como os *spirituals* - forma de música ligada à religião: os *ragtimes* - mistura destes com polca e marcha; e os *cakewalks*, forma satirizada pelos negros dos bailes dos brancos. (SCHULLER, 1968). A execução das músicas ocorria, em geral, na prisão, onde realmente se ouviam as melhores músicas, *blues*, baladas, *hollers* (um tipo de *worksong*), pois era o momento de introspecção do homem consigo mesmo.

Em 1803, a Louisiana foi vendida pela França e Espanha para os Estados Unidos; a partir dessa divisão, começou a história da criação do *Jazz* em New Orleans. A cidade se tornou covil de casas de prostituição, pirataria e clandestinidade. Tudo girava em torno dos rapazes que ali chegavam e loucos ficavam para se relacionar com as *octoroons* (moçoilas com ¼ ou 1/8 de descendência africana). Nos famosos cabarés, surgiram os grandes *Jazzistas*, em meio à não aceitação dos afrodescendentes em orquestras, eles designavam suas novas

peripécias em lugares marginalizados, como os tais cabarés famosos do local. (MORAES, 2013).

Jelly Roll Morton, o primeiro a criar o estilo piano *Jazz*, ficou marcado, pois teria de adaptar os requintes *Jazzísticos* a apenas um instrumento, e assim veio de forma a durar até hoje o piano frenético e mais que preenchido “solamente” desse período - marcado pela boemia, drogas, sexo (este mais que bem representado pelas famosas raparigas dos *bluenotes* - caderninhos azuis nos quais ficavam marcados os nomes das mulheres e faziam propaganda de seus atributos e suas qualidades no ato).

Por entra e sai de pessoas nos portos da cidade, ali se criava à famosa New Orleans, citada por Janis Joplin em sua *Me and my Bobby Mcgee*<sup>7</sup>. Cidade das drogas, dos famosos ícones do soul *Jazz music, instrumental Jazz*. Tudo por ali acontecia de maneira tortuosa, mas acontecia. Lugares escuros, bebida farta, cerebelos ensandecidos por drogas e álcool faziam loucuras por entre notas musicais surgir. Entre umas semibreves nasciam mínimas e por entre essas mínimas, semínimas, e por entre elas colcheias, semicolcheias, fusas, semifusas, e por aí iam.

Esse estilo musical que surgia tinha muito em comum com a música erudita, mas a diferença é que na música clássica, no caso de se reproduzir uma peça, a interpretação desta deveria ser feita à risca, de maneira a ser tocada igual à original. Porém o *Jazz* teria a diferença no ponto em que a cada intérprete que pegava a música poderia colocar sua impressão digital, a qual caracterizava todo *Jazzista* como não só um intérprete, mas como criador de algo inusitado. Então, contrariando o autor do livro “O velho *Jazz* e suas raízes”, conforme Schuller (1968), deve se esclarecer que o *Jazz* não pode ser dividido com compositores e intérpretes (nem que seja por uma linha minúscula), pois tudo pode ser reinventado. Nessa lógica, o *Jazz* se constrói a cada nova interpretação e assim se reconstrói, num ritmo sincopado com acentuação no segundo e no quarto tempo de um compasso comum de quatro quartos (compasso é onde se escreve as notas com seus devidos tempos e daí surge a rítmica, ou pulsação).

O *Jazz* nasceu assim, dentre seus conflitos sociais por causa de muito racismo, mas deste modo se fortaleceu e virou o que é até hoje, se reinventando por entre as décadas, com seus improvisos e clássicos, fazendo um mix de universos musicais e criando o seu próprio.

---

<sup>7</sup> “busted flat in baton rouge, waiting for a train/and is feeling nearly as faded as my jeans/Bobby thumbed a diesel down just before it rained/it rode us all the way to New Orleans...”. Trecho da música de Janis Joplin que cita New Orleans.

Como diria Louis Armstrong: se você não sabe o que é *Jazz*, não adianta tentar entender<sup>8</sup>.

Essa frase se resume em puro sentir, não é preciso explicar o que é bem característico. O *Jazz* é entendido por si só, com batidas frenéticas no prato da bateria e na caixa e constantes “horns” (sopros, assim conhecidos ainda pela época do improviso dos negros com os instrumentos ao pegar chifres de animais e assoprar dentro para emitir som). Baixo acústico bem marcado, piano às vezes autossuficiente com notas inimagináveis e, em algumas ocasiões, vocal, este caracterizado pela emoção trazida dos “*spirituals*” e improvisos, mais tarde podendo ser caracterizados sozinhos com a estilística do *Jazz bebop*.

Por entre a guerra do norte e do sul da América do Norte, surgia o gênero com instrumentos reais, pois o Norte estava vendendo os instrumentos da banda de marcha a preço de “banana”. Deste modo, os negros teriam acesso a reais instrumentos. (MORAES, 2013c, p. 64).

E foi assim, por entre bicos, noite, cabarés, bebidas, drogas, discriminação, raça, força de vontade, autodidatismo, que cresceu aí não só a música do *Jazz*, mas um estilo de vida *Jazz*.

Grande discriminação e separação de raças foram surgindo de maneira forte num tempo em que somente mais tarde a música poderia esclarecer algo que não importavam cor, raça, classe social. Estariam todos unidos numa linguagem na qual todos falavam: a música, que igualava todas as raças numa só: a raça humana, e os negros, muito discriminados, estavam até mais à frente, pois a força que eles tinham que fazer para se inserirem nela era muito maior, pois exigia muito de seu autodidatismo, da sua musicalidade natural. As raízes da África no sangue mulato surgiam com as batidas da canção, sopros sensuais por entre melismas e vibratos nasciam com o passar de som pelas válvulas e a respiração alternada dos tantos como Armstrong, Baker, Getz, Gillespie, que pela época áurea *Jazzística* brotariam.

O momento, apesar de conturbado, foi muito rico em seu contexto cultural pela luta da sobrevivência diária de um povo ex-escravo por um lugar melhor na sociedade e melhor qualidade de vida. Segundo Guinle (2002, p. 23), pode-se dizer que a origem do *Jazz* está diretamente ligada ao folclore:

---

<sup>8</sup> Resposta dada pelo músico Louis Armstrong a um repórter que lhe fez a pergunta em questão “(Man, if you ask you never gonna know...)”, retirada do Livro *Jazz&Co.*, de Vinicius de Moraes, (2013 p.97).

O *blues* veio primeiro de zonas rurais, que compreendiam toda região Sul, desde as prisões da Geórgia até os pântanos Red River Valley... Sendo, como vimos acima, o *Jazz* influenciado em grande parte por uma manifestação folclórica de caráter individual – o *blues* - desde cedo manifestou-se nele óbvio individualismo [...]. (GUINLE, 2002a, p. 23).

Vinda da mata com o *blues* e também ligada aos trens, as *worksongs*, graças aos prisioneiros que ali ficavam construindo os trilhos. E, quando construído o trilho um martelo, ali era batido formando um som que se propagava, trazendo a ritmicidade das famosas canções de trabalho.

Exemplo disso está no musical da Branca de Neve, 1937, desenho animado desenvolvido pela companhia de Walt Disney, no trecho em que os anões estão trabalhando. Nessa cena, os passos e as pás formam os ritmos das músicas, dando, também, mais facilidade ao trabalho braçal.

O *Jazz* não pode ser academicamente explicado, o que o estilo musical *Jazz* é a sua forma de ritmo diferente, afirma Guinle (2002) em seu livro “O *Jazz* como uma matéria sonora radicalmente diferente da música acadêmica”. Conta com timbragem totalmente orgânica, fora do contexto de limpeza; ele contém qualidade no som, mas com muitos vestígios, por exemplo, instrumentos com um toque de “poeira”, metaforicamente falando. No *Jazz*, o instrumentista se preocupa em exprimir ali toda a sua individualidade para com o som, depositando seus sentimentos mais secretos, em forma de signo sonoro.

### 3 JAZZ AO LONGO DOS ANOS

Logo de início pode-se dizer que o pré-*Jazz* tem uma forte influência do violino cigano europeu mais que da própria percussão africana, afirma Barry Ulanov<sup>9</sup> (ULANOV, 1952 apud BERENDT, 2009, p. 25). Já Feather<sup>10</sup> (1956 apud BERENDT, 2009, p. 25) avalia que o gênero tem muito em comum com a música americana, uma vez que a África, ao contrário do que se pensa, não sabia do surgimento do *Jazz*.

O início do *Jazz* se deu por três origens distintas: Começando em 1865, segundo Berendt (2009), com influência da Guerra Civil americana Norte contra Sul, transformando os instrumentos das bandas a preços mais acessíveis aos sulistas. Segue em 1890, com o *Ragtime* (“*rag time=ragged time= tempo destruído*”), de Scott Joplin, que muito teve como base um suíngue vindo da dança francesa, seu registro é no Texas e com um toque da musicalidade suingada do afrodescendente. Foi na época do *Roaring Twenties*, de Chicago, que o famoso pianista Jelly Roll Morton levou o ragtime até a Califórnia. Nesse período quem não conhecia o ragtime praticava em Chicago o *boogie woogie*. “O aparecimento do *Jazz* se deu à acentuação dos tempos fracos da música ao invés dos fortes”. (SCHULLER, 1968).

A segunda origem se dá em 1900, quando surge o estilo New Orleans, que tem muita semelhança com os conjuntos europeus de marcha. Foi bem na época em que foi vendida a cidade aos Estados Unidos pelos espanhóis e franceses. Por ser uma cidade portuária<sup>11</sup> muito boêmia, o estilo foi aparecendo graças aos primeiros rituais de rua feitos na cidade.

Conforme Berendt (2009), desavenças raciais e culturais existiam não apenas entre pessoas de diferentes cores, mas também de diferentes nacionalidades.

Complementando essa explicação, Moraes (2013) diz que a arrogância e o privilégio dos negros (creoles) crescem à medida que se cruzam com os brancos e a pigmentação deles vai ficando mais fraca; do ponto de vista social, vão sofrendo menos preconceitos e tendo mais oportunidades de se educar melhor e, economicamente falando, aproveitam algumas regalias de sua pele desbotada, tornando-se, assim, refinados ou ilustres duelistas.

Todos queriam conhecer o berço do *Jazz*. New Orleans tinha entre seus habitantes muitos crioulos que eram negros com origem francesa misturada da época colonial, antes

---

<sup>9</sup> Norte-americano, crítico de *Jazz*.

<sup>10</sup> Britânico, pianista de *Jazz*, produtor musical e compositor.

<sup>11</sup> Jorge Guinle explica a diferença rítmica do estilo *Jazz* dos outros estilos em seu livro *Jazz Panorama*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002, p.123.

libertos da escravidão pelos agricultores e comerciantes ricos e os negros americanos. Foi lá que se ouviu falar a primeira vez em *hot*.

O *hot Jazz* era um *Jazz* frenético, rápido e muito intenso, que levava seus executores a altos níveis de adrenalina e prazer. Logo depois, em 1910, observa-se a terceira influência por meio do estilo Dixieland – este mais alegre, e mais parecido ainda com os elementos de bandas de marcha de coreto. Foi durante o período do “dixie” que se pode ouvir as primeiras formações da palavra *Jazz*, em 1913 com “Jasm” e “Gism”, que significavam velocidade e energia, e em 1917 ouviu-se o primeiro “Jass” e depois mudou para *Jazz* com a banda que ficou conhecida em Nova Iorque por tocar em restaurantes, a *Original Dixieland Jazz Band*.

“Já se havia acostumado a chamar o *Jazz* branco de Dixieland *Jazz*, para distingui-lo do estilo New Orleans”, discorre Berendt (2009, p.25) sobre quais eram os meios de diferenciar um *Jazz* do outro na fala pelos seus próprios ouvintes e executantes.

Então se conclui que a origem do *Jazz*, como ele nasceu, se resume a estes três períodos abordados anteriormente: o Ragtime, depois o New Orleans e o Dixieland. Os que vieram a seguir não deixam de ser derivações destes.

Em 1920, com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a cidade portuária de New Orleans virou um porto de guerrilhas, transformando-a num caos ainda maior, tendo assim as outras atividades que “serem fechadas pra balanço”. Com isso muitos músicos da cidade ficaram desempregados e acabaram por migrar para a cidade de Chicago. Foi justamente lá que se fizeram os primeiros registros do New Orleans *Jazz* (gramofone). (BERENDT, 2009). Muito presentes com o seu *Jazz* hot estavam os músicos Louis Armstrong e Jelly Roll Morton.

Segundo Berendt (2009, p. 27):

Todo o *Jazz* nada mais é do que a aplicação do *blues* na música europeia ou a utilização dos recursos da música europeia sobre o *blues* [...] ainda hoje, os mais modernos músicos do *Jazz*, inclusive os do *Free Jazz*, se sentem diretamente ligados à tradição do *blues*.

A cantora que mais marcou os anos 20 foi Bessie Smith, com seu *blues*, sua voz forte e com vibratos firmes, servindo de inspiração para muitos cantores ícones vindos bem depois dela, como Sarah Vaughan.

Em Chicago, logo mais se separavam os negros dos brancos cada um em seus bairros e isso era um grande problema para os músicos, pois delimitava até onde poderiam ir, não

fazendo algo muito criativo, já que quanto mais misturas e vivências diferenciadas, mais criatividade era aflorada.

Em 1930, chegou um estilo cheio de bagagem da época “neworlense” e de Chicago, parecido um pouco com a “tal da coisa” cigana da França, o Swing, com o segundo tempo da música e o quarto levemente mais acentuados, ou seja, com um beat a mais. Por isso o nome “Four beat *Jazz*”, tendo Count Basie um de seus maiores ícones, com a criação do “riff-stil”. (BERENDT, 2009).

Os ícones do *bebop* no final da década de 1930 influenciaram a maneira do chegar ao *hard bop*, esquema em que o cantor faz uma frase e o instrumentista responde a melodia, normalmente o instrumentista de “horn”(no caso sopra).

O *Jazz swing* ou *Jazz cigano (gypsy)* ao final da década havia se transformado em algo muito vendável, emprestando seu nome até para grandes produtos americanos, mas os “*Jazzmen*” sentiam que precisavam inovar, ou seja, fazer o *Jazz* não ser completamente feito para que qualquer tipo de pessoa o assimilasse. Na visão desses músicos, o *Jazz* deveria ser como uma maneira para eles extravasarem seus sentimentos e retratar algo que estava por vir.

E foi assim que na década de 40 do século XX, com a necessidade da mudança, surge o *Jazz bebop*, uma variação vinda de reuniões dos músicos. Assim, como na época da cidade de New Orleans, agora eles teriam de arranjar um ponto de encontro onde pudessem criar um novo tipo de som, alguma coisa que os satisfizesse de uma maneira inovadora, musicalmente falando. Então lá estavam os músicos no Minton’s - um bar que ficava no primeiro andar do Cecil Hotel, no Harlem. Era nesse local que os grandes músicos da época se reuniam para realizar suas novas peripécias – Thelonious Monk, Dizzie Gillespie, Kenny Clarke, Charlie Parker.

Um dos grandes ícones do *Jazz bebop* era o sax-tenor Lester Young, caracterizado por tocar seu instrumento de maneira muito hábil e levemente inclinado para o lado. A grande característica do bop (“quebra-pau”) era como se fosse a característica da sétima e da terça diminuta no *blues* (a *blues note*) e essa era a “bop note”<sup>12</sup>. O *bebop* representava o que o mundo vivia na época, saindo assim das alegrias swingada e “dixielandnizadas” para fazer um retrato do universo logo depois da Segunda-Guerra (1939-1945) - um tempo em que a música

---

<sup>12</sup> Nomeada assim para mais fácil entendimento, observação da autora.

deixaria de ser algo alegre para envolver maiores ambições, o que representa uma pintura de um americano querendo alcançar novos horizontes, em outras palavras, abraçar o mundo.

Em 1950, logo veio um som menos “nervoso” em si, o *cool Jazz*, mais calmo, consciente, com Miles Davis como seu maior ícone. Nessa mesma época, um “pianista cego”- Lennie Tristano- veio para *New York* e criou a sua escola, que tinha as linhas de pensamento do *cool Jazz*, variação mais linear, igualitária em sua harmonia, ritmo e melodia, fazendo da cidade a capital do *cool Jazz* e depois se transferindo para a costa oeste americana, porém muitas pessoas acreditam que o *cool bop* veio para ser mais uma linha de selos, para facilitar a venda do *Jazz* e que o verdadeiro ciclo depois do *bebop* deveria ser continuado pelo *hard bop*: essa variação tendo começado por Lester Young e Count Basie. Esse *Jazz* era liderado por músicos jovens de origem negra e tinha o *bebop* por sua linha de seguimento, mas era musicalmente falando mais avançado. (BERENDT, 2009). Esses músicos foram os ícones do *bebop* no final da década de 30, influenciando a maneira do *Jazz* chegar ao *hard bop*.

“O pianista e compositor Horace Silver consolidou juntamente com outros músicos uma nova maneira de tocar, que se chamou *funky*: lento/meio-lento, *beat* firme e bem marcado e todo feeling e formas de expressão do velho *blues*.” (BERENDT, 2009, p. 35).

O cantor de *blues* era bem do lado de expressar seus sentimentos através da música e depois vieram os spirituals, podendo assim chegar à alma de outras pessoas - retratado no filme *12 Anos de Escravidão*<sup>13</sup> - vindo assim a *soul music*, mas com sua influência lenta do *funky*.

Logo mais, na década de 1960, aparece o *Free Jazz*, “vindo do ódio do negro ao mundo dos brancos” (BERENDT, 2009, p.35), então era bem perceptível aqueles sons inimagináveis, atonais (ou seja, sem tom nenhum, modal). Para leigos é como se fosse algo próximo ao rock, pois nem era preciso tirar barulhos como microfônias ou barulhos externos, mas tocar e sentir aquilo loucamente e, como a própria palavra de origem americana *Free* significa livre. John Coltrane e Albert Ayler são seus executores mais conhecidos.

A forma da música nesse estilo pode ser completamente esquecida e se utilizar de improvisos a composição toda. Para quem está de fora, parece algo totalmente louco, ligado ao individual de cada um e juntando tudo por mais que não tenha nada de sincronia. Foi algo que quebrou todos os paradigmas do que é forma. Todos esses gêneros se assemelham por meio da vitalidade e a forma rápida e emocional com que são interpretados.

---

<sup>13</sup> Um filme que conta histórias reais sobre um negro livre que vira escravo ao ser mandado para os Estados Unidos. Produzido no ano de 2013, com direção de Steve McQueen, filme estadunidense e britânico.

Concluindo os períodos do *Jazz*, há o *electric Jazz*, ou *Jazzfusion*, este com muita influência do rock e misturando um pouco de todos os estilos do *Jazz* em seu cerne.

### 3.1 OS GRANDES NOMES DO JAZZ

O desenvolvimento e o aprimoramento do *Jazz* se devem a músicos talentosos, que são destacados neste capítulo, a seguir, e baseadas na bibliografia do livro *Ícones do Jazz*. (GELLY, 2008).

O músico **Buddy Bolden**, nascido entre 1860 e 1865, é um dos grandes nomes do *Jazz*. Ele é lembrado por ter incorporado em sua banda de música - mais conhecida como banda de latão (*brass band*) - marchas, ragtimes e *blues*. Era conhecido como “O rei do trompete”.

Já **Jelly Roll Morton** (1890-1941) foi quem “inventou” o piano *Jazz*, pois devido a seu emprego em lugares pequenos, tocando em bordéis, teve de fazer tal adaptação de suporte musical usando apenas um instrumento. O seu auge foi nos anos 20 com sua banda mais que requisitada pela nata da sociedade, se tornando assim um homem arrogante e intransigente graças ao seu sucesso na época, brigando até mesmo com a mais calma personalidade do *Jazz*, **Duke Ellington**.

Nascido em 1899, **Edward Kennedy Ellington** foi o máximo no que se pode falar em compositor de *Jazz* até então, por mais que em sua banda mudassem os músicos e de forma sutil mudassem os timbres, o geral da ideia se mantinha através das gerações. Lançou uma ala de *demandes* com tecidos instrumentais e tons diferentes. Entre 1940 e 1943, **Ben Webster** (1909-1973) ganhou notoriedade por tocar na banda de Ellington. Ben, diferente dos seus colegas que depois foram deixando de fazer sucesso ou até encontrando dificuldades para arranjar trabalho depois do auge, sempre foi se reinventando e gravando até com Coleman Hawkins depois; tinha um jeito bem amigável, tornando-se agressivo quando estava alcoolizado, socando o também *Jazzista* Joe Louis num elevador de um prédio e recebendo o de volta; fora as idiotices que cometia quando bebia, era um músico ótimo e muito romântico, até quem não era muito fã do estilo *Jazz* se apaixonaria por seu som hipnotizantemente romântico.

O mais conhecido e gênio do *Jazz*, **Louis Armstrong**, (1901-1971), nasceu em New Orleans no início do século XX, foi mandado para um reformatório aos 11 anos de idade e lá aprendeu a tocar corneta. Em sua fase inicial como trompetista, utilizou as mais modernas

harmonias. Serviu de espelho para **Dizzy Gillespie** (1917-1993), que mais tarde viria com seu *Jazz* moderno. Gillespie tinha uma imensa capacidade de improvisação, servindo de exemplo para os músicos de *Jazz* até hoje, estabelecendo padrões técnicos numa música cordata sem transmitir um ar fechado, resistia ao mal da época para poder manter sua figura fora da antipatia midiática, sendo assim um *Jazzista* sorridente e juntamente com outro colega ícone da época, **Charlie Parker** (1920-1955), nunca se aproximando das drogas.

**Parker**, tocando seu preciso saxofone alto, representa para o *Jazz* um “novo tempo”, abertura de um ciclo – no começo muito distante ao que o povo conhecia cheio de notas que pareciam não casar entre si, mas marcado por um novo período (*bebop*).

Voltando ao cronograma, **Count Basie** (1904-1984) foi líder de direção de bandas, viajando sempre ao lado de seus músicos, jogando poker com eles (um líder humilde, não gostava muito de falar sobre si e adorava fazer elogios a outros pianistas). Mestre do swing (*gypsy*) produzia uma música simples, viva, coordenada e de compasso quaternário, descobrindo grandes nomes, como o sax-tenor **Lester Young** (1909-1959). Este, com seu auge aos 27 anos, foi muitas vezes discriminado pela sua pouca idade, porém alguns anos depois se tornou uma estrela do *Jazz* com carreira mais sólida.

Em 1943, quando fora alistado no exército, Young foi encontrado com maconha e outras drogas, foi preso por menos de dois anos. O som que ele fazia era esplêndido, porém, por conta de seu envolvimento com substâncias químicas, sua saúde não permanecia mais a mesma, vendo assim seus amigos lhe superarem na música e caindo em depressão. Morreu antes dos 50 anos, já como havia calculado.

O grande pioneiro do sax-tenor, **Coleman Hawkins** (1904-1969), inovou a maneira de se tocar saxofone, não deixando mais aquele som abafado como era típico antes de seu surgimento, gravou em 1939 com a editora Victor Records a embalada e clássica *Body and Soul*. Diferente dos outros músicos, abraçou a época do *bebop* quando esta veio à tona, passando a concentrar-se nos sons de **Dizzy Gillespie** e **Thelonious Monk**. Sempre procurando se atualizar, chegou até a gravar a música “Desafinado” (nome da música composta por Tom Jobim e Newton Mendonça) em 1963.

Por sua vida sofrida, a cantora **Billie Holiday** (1915-1959), com muitas drogas, bebida, preconceito racial e agressão, levava muitas pessoas a terem pena dela; o que a fazia um ícone era pegar uma música simples e abusar de sua total musicalidade *Jazzística*.

**Thelonious Monk** (1917-1982) é outro grande nome do *Jazz*. Sua música surgiu nos anos 40 com o *bebop*, foi o músico desta geração mais completo de todos, sempre agindo de

maneira muito individualista, nem sequer notando a presença de seu público e nunca mudando nada de seu som para agradá-los; era muito pessoal a linguagem musical por ele usada. Não gostava de ser entrevistado e era completamente reservado; sua maior e mais conhecida obra foi a música *Round Midnight*. Monk teve três fases em sua vida, mas sem ele mesmo prestar atenção nelas, apenas notando que nas duas últimas seu piano estava melhor, mais afinado e tinha mais trabalho. Na primeira fase foi tido pelas pessoas como um lunático; na segunda, como um homem exótico, mas elegante, e a terceira e melhor, um grande nome do *Jazz*.

Já **Nat King Cole** (1917-1965) é considerado grande diretor de bandas. Diferente de seus colegas negros, embalou músicas que se pode dizer para América toda. Agiu de forma diferente dos demais músicos de *Jazz* afrodescendentes de sua época. Possuía quase que um ouvido absoluto na parte de afinação musical. Díspar dos seus colegas no quesito “fama”, esta fugindo aos demais *Jazzistas*, Nat conquistou e encantou.

Uma das cantoras que marcou o período do canto *scat* (com o *swing-bebop*) foi **Ella Fitzgerald** (1917-1996). Uma mulher diferente de tudo que já tinha se ouvido, caracterizada por sua imensa timidez, porém quando estava no palco esta sumia e quem entrava em cena era sua voz contagiante. Chegou a ganhar um concurso de jovens talentos, mas não recebeu o prêmio depois, havia ganho não apenas pela voz maravilhosa, porque sua aparência ruim e com semblante de maus-tratos obrigavam a Chick Webb (jurado) a escolhê-la, para mostrar aos outros. Mais tarde Ella veio a se tornar conhecida e ter suas músicas reconhecidas.

No começo dos anos 50, o tocador de baixo duplo **Charles Mingus** (1922-1979) começa a compor. Charles era famoso por sua raiva e frustração, começava que suas partituras eram algo muito difícil e assim que os outros músicos começavam a entender seu pensamento, ele mudava tudo, rasgava as partituras e falava que estava tudo errado. Mudava constantemente de humor, nunca se sabia quando ele iria rir ou ficar sério, pois mudava de comportamento em fração de minutos.

Logo o que levou este outro músico em nível de ícone foi a maneira inovadora de tocar guitarra, **Wes Montgomery** (1923-1968) começou a praticar ainda na adolescência, tocava com o polegar enquanto que seu antecessor na guitarra - Charlie Christian usava palheta. Wes, apesar de brilhante, não se via como tal, fazendo disso uma das virtudes que lhe colocariam no topo de notoriedade.

Diva do *bebop*, **Sarah Vaughan** (1924-1990) começou sua carreira na música como pianista da orquestra de Earl Wines quando tinha 19 anos. Variavelmente a outros artistas,

teve sua tessitura vocal aumentada com o passar dos anos, podendo atingir desde uma nota mais grave da categoria masculina vocal dos barítonos e até a nota mais alta de sua categoria de contralto.

**John Coltrane** (1926-1967) foi músico de *Jazz* criador dos grandes improvisos psicodélicos por um vasto número de notas que se fundiam entre si - o famoso *sheets of sound* (camadas de som). Depois da era Charlie Parker, foi o maior saxofonista até então. Coltrane tinha muita força de vontade, curando-se do seu maior vício de heroína apenas por si próprio, além de ser mais muito estudioso. Perto da época de morrer deixara as canções *ballads* para dedicar-se ao *Free Jazz*.

Assim como John Coltrane, **Miles Davis** (1926-1991) também fez uso de heroína e saiu sozinho desse vício. Miles III foi trompetista de *bebop*, fazendo de seu estilo algo único e de fácil entendimento. Tinha plena consciência de seu potencial e suas limitações e, para ampliar seu leque, foi ter aula com Charlie Parker aos 19 anos, para que pudesse aumentar seu conhecimento. O trajeto de Miles foi algo muito inspirador para outros músicos e marcante para todos os seus ouvintes.

Assim que o estilo de Miles começava a ser copiado por alguém, logo ele mudava seu caminho e seu estilo de vestir-se, passando por várias fases de seu *Jazz* e de seu vestuário - considerado também um ícone da moda de sua época.

Outro a se dedicar ao *Free Jazz* foi **Ornette Coleman** (1930), sendo muito criticado pelos “*old fashion*”- poderia parecer com o sax de Parker, mas logo se via que não tinha nada haver, pois Ornette não fazia uma sequencia lógica das coisas, nunca terminava com o tema de maneira linear, parecia algo demoníaco, eram sons absurdamente malucos e frenéticos que saiam de seus pensamentos e se transformavam em notas. (GELLY, 2008/ DYER, 2013)

Inspirado em Lester Young, **Stan Getz** (1927-1991) tinha um timbre diferente dos demais em seu saxofone, possuía um som enérgico. Tocava *cool*, mas quando este fora saindo de moda, rapidamente descobriu o samba *Jazz* e gravara seu disco *Jazz Samba* (1962), o novo estilo atribuía à bossa nova. Na juventude se viciou em drogas e o vício o acompanhou até seus últimos dias de vida. (GELLY, 2008/DYER, 2013).

Muitas vezes por fugir do senso comum, **Betty Carter** (1928 – 1998) foi uma grande cantora do estilo *bebop*; era descartada da *big band* de Hampton, da qual fazia parte, porém a esposa dele sempre a contratava de volta. Betty era muito diferente do que se podia ouvir, pois seguia o *bebop* à risca. Muitas vezes as pessoas que a admiravam eram outros próprios cantores. Betty, sempre insistindo em seu estilo, chegava a ser demitida de várias gravadoras,

criou a sua própria e ganhou notoriedade quando foi indicada para um Grammy. Estava fora do que se diz música comercial, apenas sendo cantora por gostar de música em si. Ficava triste ao saber que não tinha cantoras tipicamente do puro *Jazz* como ela e com medo; pois achava que, quando morresse, seu legado acabaria e não se veria rodeada por outros seguidores.

Com dom natural, **Chet Baker** (1929 – 1988) era um trompetista e tinha uma voz maravilhosamente suave, não utilizava de recursos como firulas diferenciadas, mas sim de sua afinação apurada. Sua aparência era favorável, tinha um quê de James Dean. Virou dependente de tóxicos; por conta disso, foi perseguido pela polícia em sua vida, sendo preso e fugindo, até ser pego na Alemanha e deportado novamente aos EUA. Na cidade de São Francisco, durante uma briga por causa de tóxicos, lhe quebraram os dentes. Com a cara envelhecida por causa das drogas e sem dentes, encontrar-se-ia mais tarde sendo evitado por todos os demais músicos e sendo acolhido como o rei do *beat* na Europa. Morreu ao cair do quarto andar de um apartamento em Amsterdam.

Aos 11 anos de idade, **Herbie Hancock** (1940) já tocava piano e teve o prazer ilustre de se apresentar com a Filarmônica de Chicago. Associou-se a Miles Davis e depois criou seu próprio estilo; muito influenciado pelo rock e por sons eletrônicos, recriou o *Jazz fusion* ou *electric Jazz*. Até hoje é considerado um músico superdotado e muito bem cotado.

Também com suas raízes no *fusion*, **Chick Corea** (1941) tocava teclado eletrônico, de forma delicada, era um tipo de música abstrata a qual ateuva. No fim dos anos 70, retomou o piano acústico graças a alguns descontentamentos com o teclado elétrico. Tocou com a cantora Flora Purim, com o percussionista Airto Moreira e o saxofonista e flautista Joe Farrell em uma de suas obras mais conhecidas com a banda *Return to Forever*.

A história do *Jazz* foi feita por estes e tantos outros intérpretes, mas como o produto rádio exige seleção, optou-se por retratar os mais conhecidos desse gênero musical.

#### 4 DESENVOLVIMENTO

Este produto, formato dentro do tipo programa especial (MCLEISH, 2001), foi produzido com o intuito de ampliar o conhecimento da autora sobre esse gênero musical e poder ajudar estudiosos do *Jazz* a encontrar algumas respostas para possíveis dúvidas sobre o assunto, retratando de maneira geral os períodos do *Jazz*, passando por seus respectivos e mais marcantes ícones. Tal trabalho se justifica ao se lembrar que no Brasil se originou uma das vertentes vindas do *Jazz*, o *samba-Jazz*, como o próprio nome diz, ou bossa nova. Além disso, o assunto sobre o *Jazz* em si não é tão comumente encontrado em estudos neste país. Então, dentro do que existia de mais perto traduzido para língua portuguesa ou até mesmo por fontes norte-americanas, foi feita uma pesquisa bibliográfica, videográfica e audiográfica de caráter exploratório.

A opção por essa polifonia de fontes ampara-se na definição de que, segundo Robert Mcleish, o rádio tem uma personalidade que é dada conforme a voz do locutor que pode ser mais enfática que outras algumas vezes. Ele também argumenta que “a vitalidade do rádio depende da diversidade de vozes utilizada e do grau de liberdade no uso de estilos de frase e expressões locais pitorescos”. (MCLEISH, 2001, p.19)

Portanto, o programa escolhido é o que aproxima o meio do que se entende de interpretação no *Jazz*. Ao mesmo tempo de caráter documental, pela falta do acesso real às informações do estilo *Jazz* em nosso país, para que se pudesse entrar na época, e também sinestésico de forma a fazer como se o ouvinte estivesse mesmo fazendo parte do contexto narrado. Daí a opção pelo formato programa especial.

“As características deste gênero ligam-no ao universo do imaginário, cujos limites são inatingíveis e causam proximidade e empatia entre a mensagem e o receptor.” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 113).

A ênfase em programa especial deve-se ao fato deste formato permitir o uso de formas mais romanceadas de vez em quando, não precisando seguir à risca o que realmente aconteceu de fato, de maneira a se tornar mais criativo e surpreendente e muito inspirado também no livro “Todo aquele *Jazz*”, de Geoff Dyer. A ideia é criar o tal clima do local e da época, fazendo o público se sentir livre para também extrair do *Jazz* algo não só histórico com cronologias, mas também estimular a criação do espaço na mente das pessoas por um modo criativo. (MCLEISH, 2001).

O produto visa, ainda, incitar o querer saber mais após o geral que fora passado aos espectadores, como a criação do *Jazz* ter se dado em uma época caracterizada por muito racismo e muita força afro na música, batalhando para ter o lugar ao sol, nem sempre em grandes orquestras como o esperado e muito almejado.

O programa especial foi escolhido como formato radiofônico por possibilitar a ilustração não só de histórias reais, mas também com sonoridades e escritos, favorecendo a transmissão de mensagem verossímil e favorecer a compreensão, de modo que a pessoa conseguisse entrar na história e sentir o *Jazz* por si só, como se estivesse lá. Por isso, não é um radiodocumentário com apenas fatos e músicas do tempo de criação do *Jazz*, mas um relato que tem como base a história da escravidão nos Estados Unidos, as derivações do *Jazz*, terminando em tempos de ícones desse estilo musical.

O roteiro deste programa especial seguiu a cronologia do *Jazz*, desde a chegada dos navios negreiros nos Estados Unidos, passando pelos períodos do gênero musical e suas derivações, contando a história de cada um deles. Outra preocupação foi caracterizar cada período contando a biografia de músicos que ajudaram a contribuir com o respectivo período explicado. Tal construção amparou-se nos livros: *Ícones do Jazz*; de Dave Gelly; *Todo Aquele Jazz*; de Geoff Dyer; e em documentários americanos, como *Evolution of Jazz Presentation of Hard Bop*, de B. Brown; e a biografia televisionada de comemoração aos 100 anos de Vinicius de Moraes.

O roteiro também inclui ilustrações sonoras, captadas junto a entrevistados especialistas no tema. Segundo Ferrareto (2001), a entrevista pode ter duas direções, sendo assim bidirecional. Nesse processo, o jornalista é entrevistador e receptor da mensagem, pois transmite a informação ao mesmo tempo em que a recebe e é emissor quando direciona a entrevista de acordo com a sua pauta. O emissor pode também ser receptor, não só naquele momento, mas depois. A intenção do emissor, no caso do entrevistado, é passar de maneira espontaneamente direta (por meio de sonora) a mensagem que lhe foi pedido, de maneira fácil e universal para que qualquer tipo de pessoa, não só especialistas sobre o assunto, possam entender sobre aquilo que havia sido retratado.

Ferrareto também afirma que na entrevista é necessário que haja conhecimento prévio do jornalista sobre o assunto, para que a captação de conteúdo possa ser mais proveitosa, de maneira a preencher o que realmente é relevante no modo informativo, que posteriormente se tornará conhecimento por meio dos receptores. As ilustrações sonoras captadas refletem essa orientação, complementando com qualidade o texto narrado no programa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho confirma que a música nada mais é do que o reflexo dos acontecimentos, tanto guerras quanto discriminação ou preconceito. A resposta para momentos como estes se traduz na composição *Jazzística*: um meio de liberdade de expressão, onde os sons se misturam e através dela pode-se caminhar pela história e entendê-la, ora em acordes, ora em letras que evidenciam o sofrimento, a alegria, o protesto ou apenas a vida.

O estudo resultou em um programa especial sobre o *Jazz*, que inicia com os sons das fazendas de algodão dos Estados Unidos e seus escravos, que lamentavam a má sorte de estarem naquele lugar. Os sons dos machados e de outras ferramentas, além dos instrumentos não usuais e seus improvisos vocais remetem a todo o sofrimento daquele povo e minimizam o silêncio imposto por seus donos. O reconhecimento e valorização do estilo *Jazzístico* o fizeram, como o produto relata, ser reconstruído várias vezes sem, contudo, perder suas características originais de improviso.

O programa especial aqui proposto indica que o entendimento do gênero musical *Jazz*, passando por todas as fases do estilo, se dá por meio de sua construção e reconstrução. Relatar o que antes marginal e tocado em bares e prostíbulos; para mais tarde ser reconhecido pelas altas “castas” da sociedade, torna o gênero mais interessante ao público, que carece de informações sobre esse estilo. Daí a opção por favorecer a identificação do ouvinte a partir da abordagem de seus ícones e também do enfrentamento de problemas sociais, bebida e drogas.

Nesse sentido, avalia-se que a elaboração deste trabalho permitiu um mergulho maior no mundo da música, seja como encantador e curioso. O produto mostra muitas histórias, um leque infinito de aprendizagem e aproximação do *Jazz*, que para alguns é sinônimo de requinte musical.

Por conta desse aprendizado, posso afirmar que o trabalho me fez viajar por entre mundos longínquos, onde preto e branco são um único universo, cheio de histórias passadas e outras por vir. O mundo do *Jazz* mostra que o poder da mudança se faz através de gerações e de paciência e persistência. A explicação da real história do *Jazz* mostra à juventude impaciente do século XXI que é possível lutar pelos seus direitos e acreditar que no futuro é possível colher melhores frutos e resgatar as virtudes esquecidas.

## REFERÊNCIAS

- AVANT-GARDE *Jazz*. **All Music**, c2014. Disponível em: <<http://www.allmusic.com/subgenre/avant-garde-Jazz-ma0000002438>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- BERENDT, J. E. **O Jazz do Rag ao Rock**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BROWN, B. Evolution of *Jazz* Presentation of Hard Bop. **Youtube**, 2013. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=X\\_fuHrWGz4k](http://www.youtube.com/watch?v=X_fuHrWGz4k)>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- EASTWOOD, C. Thelonious Monk Documentary. **Youtube**, 1988. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=s2z67tTQIvI>>. Acesso em: 18 maio 2014.
- SWING, K. What is *Jazz* music? **Youtube**, 2011. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=dhiSgi\\_9Yvo](http://www.youtube.com/watch?v=dhiSgi_9Yvo)>. Acesso em: 18 maio 2014.
- Marsalis, W. *Jazz* documentary. **Youtube**, 1996. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=36vkuhKSV-E>> . Acesso em: 10 mar. 2014.
- GELLY, D. **Ícones do Jazz**. Portugal: Casasasseti, 2008.
- GUINLE, J. **Jazz Panorama**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- KNOPF, C. **Scott Joplin TV Movie 1977**. Direção: Jeremy Paul Kagan. Estados Unidos: Universal Studios, 1977. 96 min.
- JR. FARIA, M. **Vinicius**. Direção: Miguel Faria Jr. Brasil: Paramount Pictures, 2013. 122 min.
- MORAES, V. de. **Jazz & Co**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SCHULLER, G. **O velho Jazz: suas raízes e seu desenvolvimento musical**. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.
- SPENCE, S. A. Thelonious Monk: his life and music. *British Medical Journal*, London, v. 317, n. 7166, p. 1162-1165, oct. 1998. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1114134/pdf/1162a.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- TIMOTHY Leary's Last Trip: Frequently Asked Questions about Leary's very public death. **Leary**, [2000]. . Disponível em: <<http://leary.ru/english/lasttrip/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- MCLEISH, R. **Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

FILHO, BARBOSA, A. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

FERRARETTO, LUIZ, A. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

## APÊNDICE A - DECUPAGENS

6'25'' Kleber Gustavo Gaudencio dos Santos Estudou licenciatura na USC e atualmente estuda na Emesp

0'12'' Ah eu sei assim na parte da historia do jazz assim/eu gosto dessa coisa dessa cronologia mas não tão expandida 0'25''//0'28'' a gente começando no antecessor né antes ali em 1900 já tinha o ragtime né/ Scott Joplin né pianista e tal/ e a partir daí vem essa influencia 0'44''//0'45'' então o que que você o que que eu entendo do jazz é uma mistura cultural muito forte né mas principalmente relacionado com o afroamericano 1'00''//1'01'' porque você tem o blues que é muito presente ali/você tem também aquela canção negro spiritual né que fala/a música protestante a igreja teve influencia nesse movimento do jazz né e tem uma coisa também que é importante de falar sobre isso também que é o canto mesmo do blues 1'28'' (corta) pra 1'30'' (worksong)-que é as músicas de trabalho dos escravos tal/então toda essa mistura de coisas assim eu até arriscaria a colocar um pouquinho desse elemento erudito também do piano/dessa coisa mais,mas não de uma forma acentuada mas tem muita coisa assim que você requer essa técnica né//No primeiro movimento ali na primeira época do jazz assim tinha muita essa coisa de técnica de velocidade/apesar de não ser igual ao bebop assim/mas tinha aquela coisa de contraponto todo mundo sobrepondo e tal e enfim/é o swing ou dixieland(me ajuda agora deu branco-depois se edita aí) se é o dixieland ou se é o swing que tinha muito clarinete essas coisas tocando/é o primeiro mesmo é o dixieland né?(acho que é o dixieland)/que tinha muito essa coisa de contraponto tal/e por mais engraçado que seja se você pegar Zequinha de Abreu/você pegar as coisas/o movimento do choro que tava acontecendo no Brasil aquela época/os compositores daquela época/ e só mudar o swing/parararapadandatadanta (palmas)..... existe uma certa influencia já no que o pessoal que tava ouvindo e tava reproduzindo né/ então por isso que eu falo assim essa questão cultural/não tem nada a ver com o Brasil/mas assim existe um respingo em até no que a gente tem dessa música que é puramente brasileira tal/mas no geral assim o que eu acho bacana é essa coisa do estudo erudito/a forma erudita de tocar/não era tão assim....é ....se via que o cara tinha que realmente ter um domínio técnico/não era tão cultural só/por si só/uma coisa assim e empírico uma coisa assim de sentimento/não /tinha que ter uma técnica violenta para tocar/então acho que isso foi uma coisa bacana que assim me atraiu bastante no repertório dessa época tal /e aí ao longo dos tempos assim é engraçado também que o jazz assim/você deve ver que é uma coisa assim de década em década/o que talvez a história da música toda em séculos foi né ou em períodos maiores tal se vê que de uma década pra outra assim em questão de dez anos /intervalos assim já tinha uma evolução muito/muito interessante até a gente chegar no que a gente tem hoje/é que já é/que preza por esse lance do improvisado/que é muito forte no jazz/que preza pelo blue note que é aquela coisa do blues né que vem aquela/os intervalos /o semitom lá que...mas aí vão se adequando aos elementos que a partir....hoje por exemplo tem pianistas assim que conservam a velha guarda mas que tocam com instrumentos eletrônicos/colocam batidas e /mas se vê que mantém a mesma/a mesma linha de improvisado de situação como enquanto pianista/to puxando a sardinha pro meu instrumento né/mas assim por exemplo se vai fala de Herbie Hancock/se você ouvir o trabalho dele atualmente/ele sobe ao palco com um i-pad/com sintetizadores/e com o piano acústico(que é o fusion né também-pergunto)- é o fusion/mas você vê o fusion é um movimento super é...já uma fase mais é...influenciada do jazz por

## APÊNDICE A – DECUPAGENS

outros elementos pelo rock/pela distorção/pela música eletrônica....mas ainda a linguagem/a peculiaridade dos estilos ainda você consegue descrever/de que escola que é aquilo né.... se é do bebop/se antecessor enfim e....isso é muito claro se você pegar para ouvir.....é .....uma outro trabalho por exemplo Miles Davis né foi até bem assim bem comentado e até bem assim criticado pelo fato de colocar outros elementos que não fossem o jazz tradicional/mas assim o que eu acho legal é até o movimento atual assim depois do contemporâneo tudo/mas os cantores atuais que tem saído aí/que mesmo cantando pop a hora que eles vão colocar o elemento do jazz é totalmente puro/você consegue ver que tem ali a fraseologia específica/os acentos né/aquela sujeirinha/o erudito você estuda pra tocar tudo reto e os acentos são programados assim//já no jazz existe essa coisa...essa necessidade de uma pulsação diferenciada de uma nota pra outra/as apogiaturas/enfim/então isso é o que eu tenho de interessante e de reflexo pra te falar sobre o jazz assim/não sei se te ajuda/

## APÊNDICE A - DECUPAGENS

2'58'' Sonora José Carlos Carneiro sobre Dizzy Gillespie.

Na realidade junto com o Charlie Parker ele foi um dos criadores do bebop né/ e tem até aquela história interessante do trompete dele entortado/que na realidade ele foi numa festa acho que da mulher dele....e não sei se foi algum convidado ou algum músico que pisou no trompete e entortou a campana e ele tocou daquele jeito mesmo e acabou gostando/então ele encomendou um trompete mesmo daquela forma com uma inclinação de 45 graus na campana e....até pra ficar mais perto da própria nota musica do próprio instrumento quando ele tocasse/entendeu?/então a história realmente é verdadeira//E tem aquela outra também do Salt Peanuts né/que é um ícone assim do bebop/que acho que numa festa na casa branca/quando o Jimmy Carter era presidente da república/uma festa que...um evento que homenageava os músicos de jazz da época né e ele tocou essa música e é chamou o Jimmy Carter pra cantar fazer algum/algum som nessa música junto com eles né/e o interessante é que o Jimmy Carter era um grande produtor de amendoim...então ele fez isso assim de uma forma bem irônica...isso aí foi quando o Jimmy Carter foi presidente da republica e tem any outras histórias dele/o cara era fantástico.....eu sei que ele é de família pobre,acho que da Carolina do Sul se não me engano/o pai dele era um trabalhador da indústria se não me falha a memória /mas nas horas vagas era músico...então ele cresceu nesse ambiente musical né...então com doze anos ele já tocava trompete...tocava trombone na escola...e aí ele foi evoluindo/foi crescendo e acabou conhecendo o Charlie Parker....o Charlie Parker acho que já era um pouco mais velho...e quando ele viu o Charlie Parker tocando acho que foi num quarto de hotel se não me engano ele ficou fascinado né com o jeito de tocar do Charlie Parker e eles passaram a compor juntos/a tocar juntos né e no fim cada um acabou seguindo o seu caminho/ o Charlie Parker morreu precocemente aos 34 anos né/usava muita droga e o Dizzy Gillespie conseguiu segurar um pouco isso//Outra particularidade dele é que Dizzy quer dizer exatamente lento né/pacato/bobão e não tem nada a ver com ele...é o contrário né...então é muito legal...muito da hora

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	1
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	A CRIATIVIDADE DA MÚSICA / HOJE CONHECIDA POR JAZZ/ NASCEU DA POESIA DO NEGRO/ INJUSTIÇADO POR SEU TRABALHO ESCRAVO/ APÓS TER VINDO NOS NAVIOS NEGREIROS PARA O SUL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA//
TÉC:	(FADE IN BARULHO DE HASTEAMENTO DE VELA E FADE OUT)
LOC:	FOI LÁ QUE TUDO COMEÇOU...
TÉC:	FUCK ME PUMPS-AMY WINEHOUSE 00'04''-00'09'' SAX SOPRANO 00:00-00:21 DA TRACK2 VERY BUSY DO JOHN SNAUWAERT// PAUSA
LOC FLÁVIO:	JAZZ/CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES
TÉC:	FADE IN ALAN LOMAX, NEGRO PRISON BLUES SONGS BLACK WOMAN-WORKSONGS 00'16'' - 00'22'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	A PRIMEIRA EXPRESSÃO DO JAZZ SÃO AS WORKSONGS/ CANÇÕES DE TRABALHO// OS ESCRAVOS/ CANSADOS DE TANTO TRABALHO ÁRDUO E DE NÃO PODEREM FALAR ENTRE SI/ BUSCARAM EM SUAS RAÍZES AFRICANAS O CANTO/ A MÚSICA// ASSIM SE UTILIZAVAM DELA PARA COMUNICAÇÃO/ PARA SE EXPRESSAREM VOCALMENTE E COMO FORMA DE RITMO DE TRABALHO E CATARSE// A CADA MACHADADA UM URRO/ - ASSIM MARCANDO O TEMPO DAS COISAS//
LOC:	A OUTRA EXPRESSÃO VEM DOS SPIRITUALS/ QUE ERAM UM TIPO DE MÚSICA RELIGIOSA/ DE ONDE ELES TIRAVAM SUAS FORÇAS// COMO EXPLICA O PROFESSOR DE PIANO KLEBER GAUDENCIO

## APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	2
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

TÉC:	<p>SONORA KLEBER- 6'25''                  DEIXA INICIAL 0'48''- O QUE EU ENTENDO DO JAZZ                  DEIXA FINAL 0'54''- É UMA MISTURA CULTURAL MUITO FORTE                  EMENDA COM DEIXA INICIAL 1'18''- E TEM UMA COISA                  TAMBÉM DE FALAR QUE É IMPORTANTE (CORTA E VAI PARA)                  1'33'' ATÉ 1'35 DEIXA FINAL-MÚSICAS DE TRABALHO.                  EMENDAR COM FRASE 3'52-3'54''(QUE PREZA POR ESSE LANCE                  DO IMPROVISO)</p>
TÉC:	<p>12 YEARS A SLAVE - CHOIR SONG - ROLL JORDAN ROLL                  2013(SPIRITUAL) 00'15'' – 00'26'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM                  BG DO TEXTO A SEGUIR</p>
TÉC:	<p>SONORA KLEBER- 6'25''                  DEIXA INICIAL 0'57''-RELACIONADO COM O AFRO-AMERICANO                  DEIXA FINAL 1'13'' -A IGREJA TEVE INFLUÊNCIA</p>
LOC:	<p>ESSAS CANÇÕES ERAM OUVIDAS POR ENTRE PLANTAÇÕES DE                  ALGODÃO// LÁ ESTAVAM ELES/ SUJEITOS A CONDIÇÕES                  HORRÍVEIS DE CONVÍVIO E SOBREVIVENDO ÀS LOUCURAS DE                  UMA VIDA SEM LIMITE DE TIRANIAS//</p>
TÉC:	<p>RUN NIGGER RUN 12 YEARS A SLAVE1'26''-1'27'' E VAI SE                  TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR</p>
LOC:	<p>BATENDO MACHADOS EM ÁRVORES/ MARCHANDO NA                  MATA/ELES RITMAVAM O ÁRDUO TRABALHO COM O                  ESCAPISMO DO GRITO DA CANÇÃO// EM SEGUIDA/COM MUITA                  FÉ/ NA MÚSICA CLAMAVAM AO SEU TIPO DE DEUS ATRAVÉS                  DOS GRITOS RITMADOS E MAIS TARDE MELODICAMENTE                  ORGANIZADOS//</p>
TÉC:	<p>WHEN THE SAINTS GO MARCHING IN NEW ORLEANS STYLE                  JAZZ FUNERAL PROCESSION-(NEW ORLEANS) 00'07''-00'16'' E                  VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR</p>

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	3
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	<p>O QUE NINGUÉM PODERIA IMAGINAR É A FORÇA DESSE POVO EM RESISTIR/ LUTAR E CONTINUAR A SEGUIR POR CAMINHOS TORTUOSOS// E DE TANTA FORÇA/ SOB A SELEÇÃO NATURAL DOS HOMENS/ ESSAS MARCAS FORAM DANDO FORMA AO JAZZ//</p> <p>FOI APÓS A GUERRA DO NORTE COM O SUL DOS ESTADOS UNIDOS QUE OS SULISTAS PUDEAM TER CONTATO COM OS INSTRUMENTOS REAIS/ POIS O PREÇO SE TORNOU MAIS ACESSÍVEL// AS BANDAS DE MARCHA DO NORTE AGORA VENDIAM OS INSTRUMENTOS PARA ELES/QUE ANTES CRIAVAM OS SEUS PRÓPRIOS/ AO ASSOPRAR EM CHIFRES DE ANIMAIS/ OS FAMOSOS “HORNER” / COMO SÃO CONHECIDOS OS SOPROS ATÉ HOJE//</p>
TÉC:	<p>00'00''-00'07'' MAPLE LEAF RAG-SCOTT JOPLIN VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR</p>
LOC:	<p>O JAZZ/ OFICIALMENTE/ COMEÇA COM A FASE QUE SE CHAMA RAGTIME/ CARACTERIZADA POR MARCHAS E POLCAS MISTURADAS/ VINDA COM <b>SCOTT JOPLIN</b> LÁ DO TEXAS// ALGO MEIO LIGADO AO FOLK//</p> <p>JOPLIN/ NASCIDO EM 1867/ ERA AFRODESCENDENTE/ SEUS PAIS ERAM BEM POBRES/ MAS TINHAM CONHECIMENTO MUSICAL E ISSO ACABOU PASSANDO PARA JOPLIN/ QUE ALÉM DE TUDO ERA MUITO TALENTOSO// QUANDO SUA MÃE MORREU/ SEU PAI QUERIA QUE ELE PARASSE DE TOCAR PIANO/ MAS A PAIXÃO PELO INSTRUMENTO FOI MAIS FORTE// ELE TOCAVA SEU RAGTIME EM PROSTÍBULOS/ ONDE CONTRAÍRA A DOENÇA SÍFILIS/ DA QUAL VEIO A MORRER NO ANO DE 1917/ EM NOVA IORQUE//</p>
TÉC:	<p>ORLEANS ORIGINAL JAZZ BAND DELIVER.. 00'00''-00'04''E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR</p>

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	4
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	<p>PARALELO A ESSE CONTEXTO TEXANO/OUTRO CENÁRIO MARCARIA A HISTÓRIA DO JAZZ//COM A VENDA DA CIDADE PORTUÁRIA DE NOVA ORLEANS AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA/ SURGE COM A URBE MARGINAL/ FONTE DE PROSTITUIÇÃO E CLANDESTINIDADE/ O SEGUNDO ESTILO/ O NEW ORLEANS// TODOS QUERIAM CONHECER O BERÇO DO JAZZ// NEW ORLEANS TINHA ENTRE SEUS HABITANTES MUITOS CRIoulos FRUTOS DA MISCIGENAÇÃO DA ESCRAVIDÃO E DO PRECONCEITO // FOI LÁ QUE SE OUVIU FALAR A PRIMEIRA VEZ EM <i>HOT</i>//O JAZZ FRENÉTICO//</p>
TÉC:	<p>SONORA KLEBER-6'25''  DEIXA INICIAL 1'52''- NO PRIMEIRO MOVIMENTO  DEIXA FINAL 2'03''- TODO MUNDO SOBREPONDO  FADE IN HOT JAZZ BAND 2008 - TUDOM, HOGY VAN NEKI  TRACK7 01'42''-01'50'' PAUSA</p>
LOC:	<p>“BEM VINDO À NOVA ORLEANS” //</p>
TÉC:	<p>ETTA JAMES - I JUST WANT TO MAKE LOVE TO YOU 00'24''-  00'27''  E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR</p>
LOC:	<p>EM 1803- A VENDA DA LOUISIANA/ONDE FICA NEW ORLEANS/  PARA OS ESTADOS UNIDOS “GERA NOVA MARGINALIZAÇÃO” //  É LÁ/ NA CIDADE BERÇO DA PIRATARIA/ CLANDESTINIDADE/  PROSTITUIÇÃO/ QUE TUDO GIRAVA// OS RAPAZES QUE ALI  CHEGAVAM FICAVAM LOUCOS PARA SE RELACIONAR COM AS  OCTOROONS /(MOÇAS COM ATÉ UM OITAVO DE  DESCENDÊNCIA AFRICANA)//  NOS FAMOSOS CABARÉS/ SURGIRAM OS GRANDES JAZZISTAS/  GRUPOS EM GERAL FORMADOS POR AFRODESCENDENTES NÃO  ACEITOS EM ORQUESTRAS//  ASSIM NASCIA UM ESTILO MUSICAL DIFERENTE DOS OUTROS/  ALGO QUE SE ASSEMELHAVA À MÚSICA ERUDITA/ MAS NÃO  EXIGIA QUE O MÚSICO SEGUISSE A PARTITURA IGUAL COMO  ESTAVA ESCRITA// COM ISSO PODERIA ADICIONAR SUA  IMPRESSÃO DIGITAL NAQUILO QUE REPRODUZIA// UMA  CARACTERÍSTICA DESSA COMPOSIÇÃO É A ACENTUAÇÃO NOS  TEMPOS FRACOS DA MÚSICA COMO O SEGUNDO E O QUARTO  TEMPO// (DEMONSTRAR COM PALMAS)</p>

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	5
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	O PRIMEIRO MÚSICO DO ESTILO FOI <b>BUDDY BOLDEN</b> /
TÉC:	FADE IN :BG- BUDDY BOLDENS BLUES - WYNTON MARSALIS WITH DR. MICHAEL WHITE 01'02''
LOC:	NASCIDO ENTRE 1860 E 1865/ BOLDEN É UM DOS GRANDES NOMES DO JAZZ// ELE É LEMBRADO POR TER INCORPORADO EM SUA BANDA DE MÚSICA/ - MAIS CONHECIDA COMO BANDA DE LATÃO ( <i>BRASS BAND</i> )/ - MARCHAS/ RAGTIMES E BLUES// ERA CONHECIDO COMO “O REI DO TROMPETE”//
TÉC:	SONORA KLEBER-6'25'' DEIXA INICIAL-2'23''SE VOCÊ PEGAR ZEQUINHA DE ABREU DEIXA FINAL-3'08'' NÃO ERA TÃO CULTURAL SÓ
TÉC:	SOBE O SOM DO BG
TÉC:	THE CRAVE - JELLY ROLL MORTON (ORIGINAL VERSION) 00'00''-00'12'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	JÁ <b>JELLY ROLL MORTON</b> FOI QUEM “INVENTOU” O PIANO JAZZ/ POIS DEVIDO A SEU EMPREGO EM LUGARES PEQUENOS/TOCANDO EM BORDÉIS/TEVE DE FAZER TAL ADAPTAÇÃO DE SUPORTE MUSICAL USANDO APENAS UM INSTRUMENTO//O SEU AUGE FOI NOS ANOS 20 COM SUA BANDA MAIS QUE REQUISITADA PELA NATA DA SOCIEDADE// TORNOU-SE UM HOMEM ARROGANTE E INTRANSIGENTE GRAÇAS AO SEU SUCESSO/ BRIGANDO ATÉ MESMO COM A MAIS CALMA PERSONALIDADE DO JAZZ <b>DUKE ELLINGTON</b> //
TÉC:	PEQUENA PAUSA E ENTRA DUKE ELLINGTON AND HIS ORCHESTRA - TAKE THE A TRAIN (1962) VOLUME MAIS ALTO 00'00''-00'06'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	6
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	<p><b>ELLINGTON FOI O MÁXIMO NO QUE SE PODIA FALAR EM COMPOSITOR DE JAZZ ATÉ ENTÃO/ POR MAIS QUE EM SUA BANDA MUDASSEM OS MÚSICOS E DE FORMA SUTIL MUDASSEM OS TIMBRES/ O GERAL DA IDEIA SE MANTINHA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES// LANÇOU UMA ALA DE DEMANDES COM TECIDOS INSTRUMENTAIS E TONS DIFERENTES/ TINHA MANIA DE ESCREVER SUAS MÚSICAS ENQUANTO VIAJAVA DE TREM COM SUA TRUPE//</b></p> <p>ENTRE 1940 E 1943 <b>BEN WEBSTER</b> GANHOU NOTORIEDADE POR TOCAR NA BANDA DE ELLINGTON// BEM/ DIFERENTE DOS SEUS COLEGAS QUE A SEGUIR FORAM DEIXANDO DE FAZER SUCESSO OU ATÉ ENCONTRANDO DIFICULDADES PARA ARRANJAR TRABALHO APÓS O AUGÉ/ SEMPRE FOI SE REINVENTANDO E GRAVANDO ATÉ COM COLEMAN HAWKINS// BEN TINHA UM JEITO BEM AMIGÁVEL/ NO ENTANTO ERA AGRESSIVO QUANDO ESTAVA ALCOOLIZADO// CERTA VEZ/SOCOU O TAMBÉM JAZZISTA JOE LOUIS NO ESTÔMAGO/ NUM ELEVADOR DE UM PRÉDIO/ E RECEBEU O SOCO DE VOLTA//</p>
TÉC:	<p>EFEITOS SONOROS-PIVOT TUTORIAL DE SOCO 00'58''-00'59'' THE BLACK STICK - STICKMAN FIGHT 00'29''-00'30''</p>
LOC:	<p>FORA AS IDIOTICES QUE COMETIA QUANDO BEBIA/ BEN ERA UM MÚSICO ÓTIMO E MUITO ROMÂNTICO/ PROVA DISSO É QUE ATÉ QUEM NÃO ERA MUITO FÃ DO ESTILO JAZZ SE APAIXONAVA POR SEU SOM HIPINOTIZANTE MENETE ROMÂNTICO//</p>
TÉC:	<p>BEN WEBSTER - WHEN I FALL IN LOVE 00'18''</p>
LOC:	<p>SOLIDÃO/GARRAFAS DE WHISKY/</p>
TÉC:	<p>EFEITO SONORO-BRAND NEW ALCOHOL FOUNTAIN APP FOR IPHONE!! 00'42''-00'43''</p>

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	7
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	PENSAMENTOS TRISTES DE ISOLAMENTO ACOMPANHAVAM ESSES HOMENS EM SUAS VIAGENS PARA TOCAR/
TÉC:	FADE IN HEITOR VILLA LOBOS - O TRENZINHO DO CAIPIRA 00'04'' VAI VIRANDO BG USAR COMO BG ATÉ O 00'38''
LOC:	MUITAS VEZES OLHANDO O MUNDO PASSAR RAPIDAMENTE PELA JANELA DO TREM/ COM GOTAS DE CONDENSAÇÃO DO VENTO FRIO DE FORA AO ENTRAR EM CONTATO COM A SUPERFÍCIE DO VAGÃO/ E A TEMPERATURA DE DENTRO DELE FAZENDO COM QUE AS GOTÍCULAS E O EMBAÇADO DA JANELA COMPLETASSEM AQUELA FOTOGRAFIA FRIA E QUE BUSCAVA ETERNAMENTE O SOM IDEAL E CONDIÇÕES MELHORES DE SE GANHAR DINHEIRO PARA FAZER AQUILO QUE LHES FORA DESIGNADO//
TÉC:	BLUE MOON - BILLIE HOLIDAY 00'04''-00'10'' E VAI VIRANDO BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	NA MESMA ÉPOCA/ A PROSTITUTA E TAMBÉM CANTORA <b>BILLIE HOLIDAY</b> / LEVAVA MUITAS PESSOAS A TEREM PENA DELA/ POR SUA VIDA SOFRIDA/ COM MUITAS DROGAS / BEBIDA/ PRECONCEITO RACIAL/ E AGRESSÃO// O QUE A FAZIA UM ÍCONE ERA PEGAR UMA MÚSICA SIMPLES E ABUSAR DE SUA TOTAL MUSICALIDADE JAZZÍSTICA//
TÉC:	BG : SINGAPORE BAR - JAZZ - WHISKY - COCKTAILS - CIGARS - WINE BAR 00'19''
LOC:	LUGARES ESCUROS/, BEBIDA FARTA,/ CEREBELOS ENSANDECIDOS POR DROGAS E ÁLCOOL//. EM MEIO A ESSE CENÁRIO PROMÍSCUO/ OS MÚSICOS FAZIAM LOUCURAS POR ENTRE NOTAS MUSICAIS //
TÉC:	PAUSA BG: THE ORNETTE COLEMAN DOUBLE QUARTET - FREE JAZZ (VAI ENTRANDO MÚSICA E AUMENTANDO GRADATIVAMENTE ATÉ PREENCHER TUDO QUANDO ENTRAR NA PALAVRA "SEMIFUSAS" AUMENTAR ATÉ DIZER CHEGA E O SOM PERMANECER SÓ) PAUSA

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	8
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	ENTRE UMAS SEMIBREVES NASCIAM MÍNIMAS E POR ENTRE ESSAS MÍNIMAS/ SEMÍNIMAS/ E POR ENTRE ELAS COLCHEIAS/ SEMICOLCHEIAS/ FUSAS/ SEMIFUSAS//
TÉC:	APÓS TERMINAR SOM-PAUSA
LOC:	MAS VOLTEMOS AO CENÁRIO DO JAZZ//
TÉC:	STEVIE WONDER WITH ESPERANZA SPALDING LIVE AT THE UN GENERAL ASSEMBLY 2'19''-2'30'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG E VAI PREENCHENDO E O SOM PERMANENCE SÓ APÓS A PALAVRA "NATURAL" DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	É NESSA ÉPOCA/DO FINAL DO SÉCULO 19 E DO INÍCIO DO SÉCULO 20/ QUE GRANDE DISCRIMINAÇÃO E SEPARAÇÃO DE RAÇAS FORAM SURGINDO DE MANEIRA FORTE/ E SOMENTE MAIS TARDE A MÚSICA PODERIA ESCLARECER ALGO ALÉM DA NÃO IMPORTÂNCIA DA COR/ RAÇA/ CLASSE SOCIAL//. O JAZZ UNIRIA TODOS NUMA LINGUAGEM MUSICAL ÚNICA E QUE IGUALARIA TODAS AS RAÇAS NUMA SÓ//
LOC:	OS NEGROS MUITO DISCRIMINADOS/ NO ENTANTO/ ESTAVAM ATÉ MAIS À FRENTE/ POR CONTA DE SEU AUTODIDATISMO E DA SUA MUSICALIDADE NATURAL//
TÉC:	PAUSA APÓS A MÚSICA ANTERIOR TIGER RAG - MIDLIFE DIXIELAND JAZZBAND
LOC:	MAIS TARDE/ COM OS BRANCOS SE JUNTANDO COM NEGROS PARA FAZER UM SOM/ SURGE O ALEGRE SOM DO DIXIELAND/ EM1910 / QUE CARACTERIZA A TERCEIRA FASE DO JAZZ// FOI DURANTE O PERÍODO DO "DIXIE" QUE SE PODE OUVIR AS PRIMEIRAS FORMAÇÕES DA PALAVRA JAZZ/EM 1913/ COM "JASM" E "GISM" / QUE SIGNIFICAVAM VELOCIDADE E ENERGIA,/ E EM 1917 OUVIU-SE O PRIMEIRO "JASS" E DEPOIS MUDOU PARA JAZZ COM A BANDA QUE FICOU CONHECIDA EM NOVA IORQUE POR TOCAR EM RESTAURANTES/ A ORIGINAL DIXIELAND JAZZ BAND//

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	9
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	A ORIGEM DO JAZZ/ COMO ELE NASCEU/PORANTO SE RESUME A ESTES TRÊS PERÍODOS/ O RAGTIME/, DEPOIS O NEW ORLEANS E O DIXIELAND// OS QUE VIERAM A SEGUIR NÃO DEIXAM DE SER DERIVAÇÕES DESTES//
TÉC:	PAUSA MÚSICA
LOC:	O DIXIELAND É LEMBRADO ATRAVÉS DE SOM DE BANDAS DE CORETO//
TÉC:	VIOLÃO GYPSY-ALL OF ME DAMJAN PEJCINOSKI 00'04'' E VAI ABAIXANDO (FADE OUT) E VIRANDO BG E DEPOIS AUMENTANDO O SOM E PREENCHENDO JUNTANDO COM UMA PARTE SEMELHANTE DA MÚSICA QUE CASE COM A MESMA PARTE DA VERSÃO DA MÚSICA DA “TÉC DE BAIXO”
LOC:	COM UM VIOLÃO CIGANO DE ORIGEM EUROPEIA/ NASCE ENTÃO O PRIMEIRO SUBGÊNERO DESSAS TRÊS FASES MAIS IMPORTANTES/ O JAZZ SWING/ MEIO QUE PUXADO PARA O “DIXIELAND/ COMPARADO A UM SOM COM A MALEMOLÊNCIA E MALANDRAGEM DA RUA”//
TÉC:	SHOW OF THE WEEK - COUNT BASIE AND HIS ORCHESTRA (1965) 00'12'' EMENDAR COM A MÚSICA DO BG DE CIMA
LOC:	MESTRE DO SWING (GYPSY) / <b>COUNT BASIE</b> FOI LÍDER DE DIREÇÃO DE BANDAS / VIAJANDO SEMPRE AO LADO DE SEUS MÚSICOS/ JOGANDO POKER COM ELES/ ERA UM LÍDER HUMILDE/ NÃO GOSTAVA MUITO DE FALAR SOBRE SI E ADORAVA FAZER ELOGIOS A OUTROS PIANISTAS// PRODUZIA UMA MÚSICA SIMPLES/ VIVA/ COORDENADA E DE COMPASSO QUATERNÁRIO/ BASIE DESCOBRIU GRANDES NOMES COMO O SAX-TENOR <b>LESTER YOUNG</b> /ESTE/ COM SEU AUGE AOS 27 ANOS/ FOI MUITAS VEZES DISCRIMINADO PELA SUA POUCA IDADE// NO COMEÇO TODO MUNDO O COMPARAVA A COLEMAN HAWKINS/SEU PRECURSOR COM O SAX ALTO//

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	10
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	AS PESSOAS POR OUVIREM O SONZINHO DELICADO E ESTÉREO DE LESTER/
TÉC:	BG - LESTER YOUNG WITH THE OSCAR PETTERSON TRIO00'20''
LOC:	PEDIAM PARA QUE TOCASSE COMO COLEMAN HAWKINS/ COM UM SOM MAIS IMPONENTE/ FORTE/ CHEGANDO A ATÉ FALAREM PARA QUE MUDASSE DO SAX TENOR PARA O ALTO// ALGUNS ANOS DEPOIS SE TORNOU UMA ESTRELA DO JAZZ COM UMACARREIRA MAIS SÓLIDA//
TÉC:	ROBIN THICKE - BLURRED LINES MASHUP MARVIN GAYE - GOT TO GIVE IT UP 00'12''-00'30''  BG DA FRASE A SEGUIR 00'19'' MARVIN GAYE - GOT TO GIVE IT UP
LOC:	APESAR DE SEUS TALENTOS/YOUNG E HAWKINS SUCUMBIRAM AO MESMO MAL/ ENCHARCADOS E CONSUMIDOS POR DROGAS E ÁLCOOL//
TÉC:	MINOR SWING - THE DIXIELAND GIPSY BAND, ANNO 2013 00'08''-00'18'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG
LOC:	O JAZZ SWING OU JAZZ CIGANO (GYPSY/ SWING OU JAZZ CIGANO (GYPSY)/ AO FINAL DA DÉCADA HAVIA SE TRANSFORMADO EM ALGO MUITO VENDÁVEL/ EMPRESTANDO SEU NOME ATÉ PARA GRANDES PRODUTOS AMERICANOS/ MAS OS "JAZZMEN" SENTIAM QUE PRECISAVAM INOVAR/ NÃO SEREM UM PRODUTO DE MASSA//
TÉC:	PAUSA

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	11
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	NA VISÃO DESSES MÚSICOS/ O JAZZ PRECISAVA SER UMA MANEIRA PARA EXTRAVASAREM SEUS SENTIMENTOS E RETRATAR ALGO QUE ESTAVA POR VIR.//
TÉC:	EFEITO SONORO: OPERAÇÃO TIROTEIO NA FAVELA DE ANTARES EM SANTA CRUZ COM INTENSO TIROTEIO 00'19''
LOC:	DEPOIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (SOM DE TIROS E GRITARIA AO FUNDO) E DA VONTADE DO NORTE-AMERICANO EM ABRAÇAR O MUNDO/ CRIAR ALGO NOVO/ VEM À TONA O JAZZ BEBOP/ EM 1940/
TÉC:	BG : PARKER, MONK, GILLESPIE – BLOOMDIDO E VAI PREENCHENDO O TEXTO COM O SOM. AUMENTANDO GRADATIVAMENTE ATÉ DEPOIS DA PALAVRA “UM NOVO TEMPO” A MÚSICA CONTINUAR A TOCAR.
LOC:	CONSIDERADO REQUINTADO E AO MESMO TEMPO FORA DO COMUM// MÚSICOS COMO O SAXOFONISTA CHARLIE PARKER/ O PIANISTA THELONIOUS MONK (1917-1982)/ O TROMPETISTA DIZZY GILLESPIE /(1917-1993)/ REPRESENTARAM PARA O JAZZ UM “NOVO TEMPO”//
TÉC:	CHARLIE PARKER-DONNA LEE 00'26''
LOC:	<b>PARKER/</b> CONHECIDO POR BIRD/ TOCANDO SEU PRECISO SAXOFONE ALTO/ NAS PRIMEIRAS VEZES EM QUE RESOLVEU TOCAR EM PÚBLICO FOI HUMILHADO ATÉ POR LESTER YOUNG/ DEPOIS VOLTOU À TONA COM MUITO MAIS EXPERIÊNCIA// NO COMEÇOOMÚSICO FOI INCOMPREENDIDO POR SEU SOM DE TIMBRE PRECIPITADO/ APARENTEMENTE SEM LÓGICA//
TÉC:	JEREMY WOOD - HEROINE JAZZ 00'34''
LOC:	ALGUNS ATRIBUÍAM ISSO AO FATO DE PARKER VIVER CHEIO DE GIN E HEROÍNA//

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	12
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

TÉC:	<p>PAUSA/ ROUND ABOUT MIDNIGHT -THELONIOUS MONK 00'00''-00'28'' EMENDA ESSA PARTE COM A 00'06'' ROUND MIDNIGHT VERSÃO AMY WINEHOUSE 00'14'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR/PAUSA</p>
LOC:	<p>CONHECIDO POR SEMPRE ARRISCAR NA MÚSICA E IR ALÉM DO QUE AS PESSOAS PENSAVAM SER EXTRAVAGANTE/  <b>THELONIOUS MONK</b> EM SEU PIANO ERA MUITO INDIVIDUALISTA/ NEM SEQUER NOTANDO A PRESENÇA DE SEU PÚBLICO E NUNCA MUDANDO NADA DE SEU SOM PARA AGRADÁ-LO// NÃO GOSTAVA DE SER ENTREVISTADO/ ERA COMPLETAMENTE RESERVADO// SUA MAIOR E MAIS CONHECIDA OBRA FOI A MÚSICA ROUND MIDNIGHT//  <b>MONK</b> TEVE TRÊS FASES EM SUA VIDA/ NA PRIMEIRA FOI TIDO PELAS PESSOAS COMO UM LUNÁTICO// NA SEGUNDA FASE COMO UM HOMEM EXÓTICO/ MAS ELEGANTE/ E A TERCEIRA E MELHOR/ UM GRANDE NOME DO JAZZ//PARA THELONIOUS MONK/ O PIANO PODERIA SER UMA FORMA DE RETRATAR SUA MÚSICA/ MAS SEU REAL INSTRUMENTO PODE SE AVALIAR COMO SEU CORPO//          ELE SENTIA A MÚSICA E ASSIM DANÇAVA NA FRENTE DO PIANO/ SENDO PRECISO VÊ-LO TOCAR PARA ENTENDER O QUE REALMENTE QUERIA PASSAR// THELONIOUS TINHA UMA DOENÇA PSCIQUICA NÃO DESCOBERTA AO CERTO EM SUA ÉPOCA// FORA-LHE INDICADO FAZER TERAPIA DE ELETROCHOQUE E A FAMÍLIA NÃO DEIXOU// FOI-LHE RECEITADO O CARBOLÍTIO/ MAS MUITOS DIZEM QUE O QUE O FAZIA SER LUNÁTICO/ E ÀS VEZES RETRAÍDO/ FORA O LSD E UM TIPO DE PLANTA ALUCINÓGENA/ A PEIOTE/ O MÚSICO FAZIA USO DESSAS SUBSTÂNCIAS COM SEU AMIGO ESTUDANTE DE PSICANÁLISE TIMOTHY LEARY/ QUE ACREDITAVA NO USO TERAPÊUTICO DESSAS DROGAS//</p>
LOC:	<p>JOSÉ CARLOS CARNEIRO/ FUNCIONÁRIO PÚBLICO E AMANTE DO JAZZ/ FALA SOBRE UM DE SEUS ÍDOLOS DO BEBOP/ O TROMPETISTA DIZZY GILLESPIE E SOBRE A HISTÓRIA DA MÚSICA SALT PEANUTS/QUE MARCA ESSE PERÍODO DO GÊNERO</p>

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	13
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

TÉC:	SONORA JOSÉ CARLOS- 3'02'' DEIXA INICIAL 0'08''-ELE FOI UM DOS CRIADORES DO BEBOP DEIXA FINAL 0'45''- ATÉ PRA QUE ELE FICASSE PERTO DA NOTA MUSICAL QUANDO ELE TOCASSE
TÉC:	DIZZY GILLESPIE - SALT PEANUTS 00'30''-00'38'' SONORA JOSÉ CARLOS- DEIXA INICIAL 0'52''-O SALT PEANUTS DEIXA FINAL 1'25''- ENTÃO ELE FEZ ISSO DE UMA FORMA BEM IRÔNICA
TÉC:	DIZZY GILLESPIE - SALT PEANUTS-/ 2'12''-2'22'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	<b>GILLESPIE</b> REPRESENTA/ JUNTO COM PARKER E MONK/ A ABERTURA DE UM NOVO CICLO NO JAZZ// NO COMEÇO MUITO DISTANTE AO QUE O POVO CONHECIA/ CHEIO DE NOTAS QUE PARECIAM NÃO CASAR ENTRE SI/ESSA É A FASE DO BEBOP// ENTÃO LÁ ESTAVAM OS MÚSICOS NO MINTON'S/ UM BAR QUE FICAVA NO PRIMEIRO ANDAR DO CECIL HOTEL/ NO HARLEM EM NOVA IORQUE//
TÉC:	BETTY CARTER - GIANT STEPS 00'02''-00'18'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	UMA GRANDE CANTORA DO ESTILO BEBOP/FOI <b>BETTY CARTER</b> // BETTY ERA MUITO DIFERENTE DO QUE SE PODIA OUVIR/ POIS SEGUIA O BEBOP À RISCA// MUITAS VEZES AS PESSOAS QUE A ADMIRAVAM ERAM OS PRÓPRIOS CANTORES// BETTY/ SEMPRE INSISTINDO EM SEU ESTILO/ CHEGOU A SER DEMITIDA DE VÁRIAS GRAVADORAS// CRIOU A SUA PRÓPRIA E GANHOU NOTORIEDADE QUANDO FOI INDICADA PARA UM GRAMMY// ESTAVA FORA DO QUE SE DIZ MÚSICA COMERCIAL/ POIS APENAS ERACANTORA POR GOSTAR DE MÚSICA EM SI// FICAVA TRISTE AO SABER QUE NÃO HAVIA CANTORAS TIPICAMENTE DO PURO JAZZ COMO ELA/ E TEMIA QUE/ QUANDO MORRESSE SEU LEGADO ACABARIA POR NÃO TER MUITOS SEGUIDORES//

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	14
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

TÉC:	ELLA FITZGERALD ONE NOTE SAMBA (SCAT SINGING) 1969 01'04''-01'20'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	UMA DAS CANTORAS QUE MARCOU O PERÍODO DO CANTO SCAT/ COM O SWING-BEBOP/ E QUE É FAMOSA ATÉ HOJE/ FOI <b>ELLA FITZGERALD</b> /UMA MULHER DIFERENTE DE TUDO QUE JÁ TINHA SE OUVIDO// CARACTERIZADA POR SUA IMENSA TIMIDEZ QUE DESAPARECIA QUANDO ESTAVA NO PALCO E QUEM ENTRAVA EM CENA ERA SUA VOZ CONTAGIANTE// CHEGOU A GANHAR UM CONCURSO DE JOVENS TALENTOS,/ MAS NÃO RECEBEU O PRÊMIO/ HAVIA GANHADO NÃO APENAS PELA VOZ MARAVILHOSA/MAS PORQUE SUA APARÊNCIA RUIM E COM SEMBLANTE DE MAUS TRATOS OBRIGARAM O JURADO CHICK WEBB A ESCOLHÊ-LA PARA FAZER JUSTIÇA TELEVISIVA// MAIS TARDE/ ELLA VEIO A SE TORNAR CONHECIDA // TEVE PARTES DO CORPO AMPUTADAS E MORREU DEVIDO À DIABETES//
TÉC:	PAUSA- BRANCA DE NEVE E OS 7 ANÕES - PRA CASA AGORA EU VOU 00'33''-00'34''EMENDA COM CHARLES MINGUS - THE BLACK SAINT AND THE SINNER LADY (FULL ALBUM) 00'00''-00'12'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	NO COMEÇO DOS ANOS 50 OUTRO ÍCONE DO BEBOP COMEÇA A COMPOR/ ERA O TOCADOR DE BAIXO DUPLO <b>CHARLES MINGUS</b> // CHARLES ERA FAMOSO POR SUA RAIVA E FRUSTRAÇÃO// SUAS PARTITURAS ERAM MUITO DIFÍCEIS E ASSIM QUE OS OUTROS MÚSICOS COMEÇAVAM A ENTENDER SEU PENSAMENTO ELE MUDAVA TUDO/RASGAVA AS PARTITURAS E FALAVA QUE ESTAVA TUDO ERRADO// NUNCA SE SABIA QUANDO ELE IRIA ESTAR RINDO OU SÉRIO/ POIS MUDAVA DE HUMOR EM FRAÇÃO DE MINUTOS//
LOC:	OUTRA TAMBÉM CANTORA ÍCONE DO BEBOP FOI <b>SARAH VAUGHAN</b> (1924-1990) /

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	15
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

TÉC:	SARAH VAUGHAN MISTY LIVE 1964 00'49''-00'58'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	SARAH COMEÇOU SUA CARREIRA NA MÚSICA COMO PIANISTA DA ORQUESTRA DE EARL WINES QUANDO TINHA 19 ANOS// VARIAVELMENTE A OUTROS ARTISTAS/ TEVE SUA TESSITURA VOCAL AUMENTADA COM O PASSAR DOS ANOS/ E PODIA ATINGIR DESDE UMA NOTA MAIS GRAVE DA CATEGORIA MASCULINA VOCAL DOS BARÍTONOS ATÉ A NOTA MAIS ALTA DE SUA CATEGORIA DE CONTRALTO//
TÉC:	PAUSA BG- MILES DAVIS - FREDDIE FREELOADER
LOC:	<b>MILES DAVIS</b> QUE FOI REGISTRADO EM CARTÓRIO COMO MILES III/ FOI TROMPETISTA DE BEBOP// SEU ESTILO ERA ALGO ÚNICO E DE FÁCIL ENTENDIMENTO// TINHA PLENA CONSCIÊNCIA DE SEU POTENCIAL E DE SUAS LIMITAÇÕES E/ PARA AMPLIAR SEU LEQUE/ FOI TER AULA COM CHARLIE PARKER AOS 19 ANOS/ PARA QUE PUDESSE AUMENTAR SEU CONHECIMENTO// O TRAJETO DE MILES FOI ALGO MUITO INSPIRADOR PARA OUTROS MÚSICOS E MARCANTE PARA TODOS OS SEUS OUVINTES//
TÉC:	PAUSA- L-O-V-E NAT KING COLE 00'10''-00'22'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	GRANDE DIRETOR DE BANDAS/ <b>NAT KING COLE</b> / EMBALOU MÚSICAS PARA A AMERICA TODA// AGIU DE FORMA DIFERENTE DOS DEMAIS MÚSICOS DE JAZZ AFRODESCENDENTES DE SUA ÉPOCA// POSSUÍA QUASE QUE UM OUVIDO ABSOLUTO NA PARTE DE AFINAÇÃO MUSICAL// DIFERENTE DOS SEUS COLEGAS NO QUESITO “FAMA” / NAT A CONQUISTOU E ENCANTOU//

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	16
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	LOGO APÓS ESSE BUM DOS NOVOS HORIZONTES/ O BEBOP FOI SE DESENVOLVENDO/ SE ACALMANDO/ COLOCANDO UM POUCO MAIS DE AR EM SEU “HORNER” / TORNANDO-SE/ ASSIM/ ALGO MAIS “SMOOTH” / MAIS SUAVE// VARIAÇÃO MAIS LINEAR/ IGUALITÁRIA EM SUA HARMONIA/ RITMO E MELODIA/ TRANSFORMANDO A MANEIRA DE TOCAR EM ALGO MAIS CONSCIENTE// ESSE ESTILO VEIO COM O PIANISTA CEGO E DE GRANDE SENSIBILIDADE LENNIE TRISTANO//
TÉC:	LENNIE TRISTANO-TANGERINE 00’08’’ -00’28’’ E VAI PREENCHENDO A FRASE A SEGUIR E FICANDO SÓ
LOC:	A ATUAÇÃO DE TRISTANO TRANSFORMA NOVA IORQUE NA CAPITAL DESTA ESTILO//
TÉC:	PAUSA NA MÚSICA TANGERINE
LOC:	OUTRA MARCA DESSE PERÍODO FOI O TIMBRE DIFERENTE DO SAXOFONE DE <b>STAN GETZ</b> / QUE MARCOU SEU SOM MAIS FAMOSO//
TÉC:	STAN GETZ JOAO GILBERTO - VIVO SONHANDO (DREAMER) 00’46’’-01’18’’ VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	POR SER ENÉRGICO// GETZ TOCAVA <i>COOL</i> MAS/ QUANDO ESTE FORA/ SAINDO DE MODA/ RAPIDAMENTE DESCOBRIU O SAMBAJAZZ/CONHECIDO POR BOSSA NOVA/ E EM 1962 GRAVOU SEU DISCO JAZZ SAMBA// NA JUVENTUDE SE VICIOU EM DROGAS E O VÍCIO O ACOMPANHOU ATÉ SEUS ÚLTIMOS DIAS DE VIDA//
LOC:	AINDA JOVEM E COM DOM NATURAL/ <b>CHET BAKER</b>
TÉC:	CHET BAKER - LETS GET LOST 00’14’’-00’27’’ EMENDA COM 1’05’’-01’18’’ E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	17
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	CHEGOU A FAZER PARTE DA BANDA DE GETZ// ERA TROMPETISTA E TINHA UMA VOZ MARAVILHOSAMENTE SUA VE/ NÃO UTILIZAVA RECURSOS COMO FIRULAS DIFERENCIADAS/ MAS SIM SUA AFINAÇÃO APURADA// DE APARÊNCIA FAVORÁVEL/ TINHA UM QUÊ DE JAMES DEAN// VIROU DEPENDENTE DE TÓXICOS E DEVIDO A ESTA DEPENDÊNCIA FOI PERSEGUIDO PELA POLÍCIA / FOI PRESO E FUGIU/ ATÉ SER PEGO NA ALEMANHA E DEPORTADO NOVAMENTE PARA OS ESTADOS UNIDOS// NA CIDADE DE SÃO FRANCISCO/,DURANTE UMA BRIGA POR CAUSA DE TÓXICOS/ QUEBRARAM-LHE OS DENTES// COM A CARA ENVELHECIDA POR CAUSA DAS DROGAS E SEM DENTES/ CHET BAKER PASSOU A SER EVITADO POR TODOS/ MAS FOI ACOLHIDO NA EUROPA E RECONHECIDO COMO O REI DO <i>BEAT</i> // MORREU APÓS CAIR DO QUARTO ANDAR DE UM APARTAMENTO DE AMSTERDAM//
TÉC:	PEQUENA PAUSA
LOC:	MUITAS PESSOAS ACREDITAM QUE O <i>COOL BOP</i> VEIO PARA SER MAIS UMA LINHA DE SELOS/ PARA FACILITAR A VENDA DO JAZZ//
TÉC:	WES MONTGOMERY-FOUR ON SIX (1965)-GUITARRA DE JAZZ. 00'20''-00'30'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR E PREENCHENDO O TEXTO DE MANEIRA AO SOM FICAR SOZINHO QUANDO ACABAR A ÚLTIMA FRASE.
LOC:	<b>WES MONTGOMERY</b> COMEÇOU A PRATICAR AINDA NA ADOLESCÊNCIA// COMO EXPLICA O VIOLONISTA STIVY HENRIQUE
TÉC:	SONORA STIVY-5'14'' DEIXA INICIAL 4'22'' - ERA DE FAMÍLIA DE MÚSICOS DEIXA FINAL 4'32'' - AÍ ELE CONSEGUIU COMPRAR UM INSTRUMENTO

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	18
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	TOCAVA COM O POLEGAR ENQUANTO QUE SEU ANTECESSOR NA GUITARRA/ CHARLIE CHRISTIAN USAVA PALHETA// WES/ APESAR DE BRILHANTE/ NÃO SE VIA COMO TAL/ FAZENDO DISSO UMA DAS VIRTUDES QUE LHE COLOCARIAM NO TOPO DE NOTORIEDADE//
TÉC:	PAUSA MÚSICA ANTERIOR/ WILSON SIMONAL CANTA TRIBUTO A MARTIN LUTHER KING 00'14''-00'25''  MARTIN LUTHER KING JR (I HAVE A DREAM) EM 1963. (LEGENDADO EM PORTUGUÊS)1'27'' BEM ALTO E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	NA ÉPOCA/ MARTIN LUTHER KING FALAVA EM IGUALDADE RACIAL// DERIVA DESSE CONTEXTO O HARDBOP ESTILO ORIGINÁRIO DA COMOÇÃO DOS AFRODESCENDENTES// É UMA EVOLUÇÃO DO COOLBOP PARA ALGO MAIS PROGRESSIVO/ MAIS PODEROSO/ EXPLOSIVO E AGRESSIVO// DURANTE ESSE PERÍODO COMEÇA O FUNKY/
TÉC:	THE HORACE SILVER QUINTET, THE AFRICAN QUEEN-0'00''-0'08'' EMENDA COM JAMES BROWN- PLAY THAT FUNKY MUSIC WHITE BOY 1'02''-1'08'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	COM UMA BATIDA MAIS SWINGADA/ LENTO/ MEIO-LENTO/ BEAT FIRME E BEM MARCADO E TODO FEELING E FORMAS DE EXPRESSÃO DO VELHO BLUES''// O FUNKY FOI CRIADO POR HORACE SILVER/ COMPOSITOR E PIANISTA/ E MAIS TARDE CONCLUI-SE ESSE TEMPO DE FRENÉTICO "HOT" ATRAVÉS DO "FREEJAZZ"/ ALGO QUE PODE SER COMPARADO À IRREVERÊNCIA DO ROCK//
TÉC:	LOVE-JOHN COLTRANE 2'34''-2'42'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	<b>19</b>
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	<b>JOHN COLTRANE</b> / MÚSICO DE JAZZ/ CRIADOR DOS GRANDES IMPROVISOS PSCICODÉLICOS POR UM VASTO NÚMERO DE NOTAS QUE SE FUNDIAM ENTRE SI/ O FAMOSO <i>SHEETS OF SOUND</i> OU CAMADAS DE SOM/ DEPOIS DA ERA CHARLIE PARKER/ FOI O MAIOR SAXOFONISTA ATÉ ENTÃO// COLTRANE TINHA MUITA FORÇA DE VONTADE/ CURANDO-SE DO VÍCIO DE HEROÍNA POR SI PRÓPRIO/ ALÉM DO MAIS/ERA MUITO ESTUDIOSO// PERTO DA ÉPOCA DE MORRER/ DEIXOU AS CANÇÕES BALLADS PARA DEDICAR-SE AO FREE JAZZ//
TÉC:	PAUSA/ORNETTE COLEMAN ~ FREE JAZZ VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	OUTRO REPRESENTANTE DO FREE JAZZ FOI <b>ORNETTE COLEMAN</b> (1930)/ MUITO CRITICADO PELOS “ <i>OLD FASHION</i> ”// PODERIA PARECER COM O SAX DE PARKER/ MAS LOGO SE VIA QUE NÃO TINHA NADA A VER/ POIS ORNETTE NÃO FAZIA UMA SEQUÊNCIA LÓGICA DAS COISAS// NUNCA TERMINAVA COM O TEMA DE MANEIRA LINEAR/ PARECIA DEMONÍACO/ ERAM SONS ABSURDAMENTE MALUCOS E FRENÉTICOS QUE SAIAM DE SEUS PENSAMENTOS E SE TRANSFORMAVAM EM NOTAS//
LOC:	MUITOS OUTROS MÚSICOS/ UM DELES THELONIOUS MONK/ NÃO CONSIDERAVAM QUE ORNETTE COLEMAN E JOHN COLTRANE TOCAVAM FREE JAZZ// POIS ERA FEITO UMA SEQUÊNCIA DE IMPROVISACIONES EM CIMA DE UMA REAL PARTITURA/ ENTÃO A NOMECLATURA CORRETA PARA ISSO QUE ELES FAZIAM PODE SER CONSIDERADA POR ALGUNS COMO AVANTE-GARDE JAZZ/ NASCIDO DURANTE OS ANOS 50//
TÉC:	HERBIE HANCOCK & CÉU - TEMPO DE AMOR - IMAGINE PROJ 0’30’’-0’51’’ E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG
LOC:	OS OUTROS SUBGÊNEROS DO JAZZ SÃO O JAZZFUSION OU ELETRICJAZZ/ EXECUTADOS COM INSTRUMENTOS NÃO MAIS À BASE DE ACÚSTICA E SIM INSTRUMENTOS ELÉTRICOS/ COMO GUITARRAS/ TECLADOS COM TIMBRAGEM DIFERENCIADA/ QUE ATÉ HOJE OUVE-SE SER TOCADO POR SEUS MÚSICOS FUNDADORES/ CHICK COREA E HERBIE HANCOCK//

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	20
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	AOS 11 ANOS DE IDADE <b>HERBIE HANCOCK</b> / NASCIDO EM 1940/ JÁ TOCAVA PIANO E TEVE O PRAZER ILUSTRE DE SE APRESENTAR COM A FILARMÔNICA DE CHICAGO// ASSOCIU-SE A MILES DAVIS E DEPOIS CRIOU SEU PRÓPRIO ESTILO/ MUITO INFLUENCIADO PELO ROCK E POR SONS ELETRÔNICOS// RECRIOU O JAZZ FUSION OU ELETRIC JAZZ// ATÉ HOJE É CONSIDERADO UM MÚSICO SUPERDOTADO E MUITO BEM COTADO//
TÉC:	PAUSA MÚSICA ANTERIOR/ BLUE BOSSA CHICK COREA - BOBBY MC FERRIN 0'50'' -0'54'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG DO TEXTO A SEGUIR
LOC:	TAMBÉM COM SUAS RAÍZES NO FUSION/ <b>CHICK COREA</b> TOCAVA TECLADO ELETRÔNICO DE FORMA DELICADA E ABSTRATA// NO FIM DOS ANOS 70 RETOMOU O PIANO ACÚSTICO DEVIDO A ALGUNS DESCONTENTAMENTOS COM O TECLADO ELÉTRICO// TOCOU COM A CANTORA FLORA PURIM/
TÉC:	FLORA PURIM LIGHT AS A FEATHER - CHICK COREA 0'58'' -1'08'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG
LOC:	COM O PERCUSSIONISTA AIRTO MOREIRA E O SAXOFONISTA E FLAUTISTA JOE FARRELL/ UMA DE SUAS OBRAS MAIS CONHECIDAS COM A BANDA RETURN TO FOREVER//
TÉC:	MICROFONIA 0'04'' -0'12''
LOC:	OS MÚSICOS ENTENDIAM QUE TODA AQUELA MICROFONIA E IMPUREZA SONORA NÃO PRECISARIAM SER EQUALIZADAS/ LIMPAS/ POIS DAVAM UM CHARME AO SOM VINDO DE LUGARES ESCUROS E COM UMA PENUMBRA NO AR//
TÉC:	SEM BG

APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	21
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

LOC:	TODOS ESSES INTÉRPRETES E MOMENTOS INDICADOS NA HISTÓRIA MOSTRAM QUE EM TODOS OS LUGARES LÁ ESTAVA O JAZZ// EM TODOS OS SUBGÊNEROS/ AQUELE SOM MAIS QUE DIFERENTE PERMITIA QUE/ AO FECHAR OS OLHOS/ A CABEÇA NÃO SE ENTENDESSE E OS SENTIDOS SE PERDESSEM POR ENTRE O ÊXTASE DO SOM// ORA SE TORNANDO ENSURDECEDOR/ ORA INIMAGINÁVEL/ ORA SIMPLES/ ORA MERO BARULHO MAS COM UM APERFEIÇOAMENTO DE SENTIMENTALISMO//
TÉC:	FADE IN- BOBBY MCFERRIN SINGS MY FAVORITE THINGS (NOVIÇA REBELE) 0'06''-0'26'' E VAI SE TRANSFORMANDO EM BG
LOC:	O JAZZ NASCEU ASSIM/ DENTRE SEUS CONFLITOS SOCIAIS POR CAUSA DE MUITO RACISMO/ MAS DESTE MODO SE FORTALECEU E VIROU O QUE É ATÉ HOJE/ SE REINVENTANDO POR ENTRE AS DÉCADAS COM SEUS IMPROVISOS E CLÁSSICOS/ FAZENDO UM MIX DE UNIVERSOS MÚSICAIS E CRIANDO O SEU PRÓPRIO// COMO DIRIA UM DOS MAIORES TROMPETISTAS/ GÊNIO/ E MAIS CONHECIDO PRECURSOR DO ESTILO JAZZ/ LOUIS ARMSTRONG/ SE VOCÊ NÃO SABE O QUE É JAZZ/ NÃO ADIANTA TENTAR ENTENDER//
TÉC:	PAUSA- WHAT A WONDERFUL WORLD - LOUIS ARMSTRONG 0'21''-0'30''-PAUSA.  DIRTY LOOPS - ROLLING IN THE DEEP (ADELE COVER) 01'40''-1'54''VAI SE TRANSFORMANDO EM BG
LOC JULIANO:	“JAZZ É A VOZ SOLITÁRIA OU POLIFÔNICA DA REVOLTA, DA SENSUALIDADE, DA VIVÊNCIA E PAIXÃO DOS NEGROS QUE SE PROLONGA ATRAVÉS DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS DESOBEDIENTES A TUDO O QUE NÃO SEJA ESPONTANEIDADE, INVENÇÃO, IMPROVISAÇÃO.”  VINICIUS DE MORAES

## APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	22
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	

FICHA TÉCNICA:	ESTE PROGRAMA ESPECIAL REDIGIDO PELA ALUNA DE JORNALISMO LUCIANA NÓBREGA/ FOI BASEADO NA OBRA DE DAVE GELLY/ "ÍCONES DO JAZZ" / E NA OBRA DE GEOFF DYER/ "TODO AQUELE JAZZ" //COM EDIÇÃO DE ALEX COSTA E LEANDRO ZACARIN//SOB ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DANIELA BOCHEMBUZO// UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO//
----------------	--

## APÊNDICE B - LAUDAS



PROGRAMA ESPECIAL: JAZZ CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÕES	23
EDITORES: LEANDRO ZACARIN E ALEX COSTA	
LOCUTOR: LUCIANA NÓBREGA	
REDATOR: LUCIANA NÓBREGA	
ASSUNTO: MÚSICA	